

Ministério

JUL-AGO · 2023

Uma revista para pastores e líderes de igreja



Exemplar avulso: R\$ 19,40



A REDESCOBERTA DO CHAMADO

Experimentando o real significado do ministério

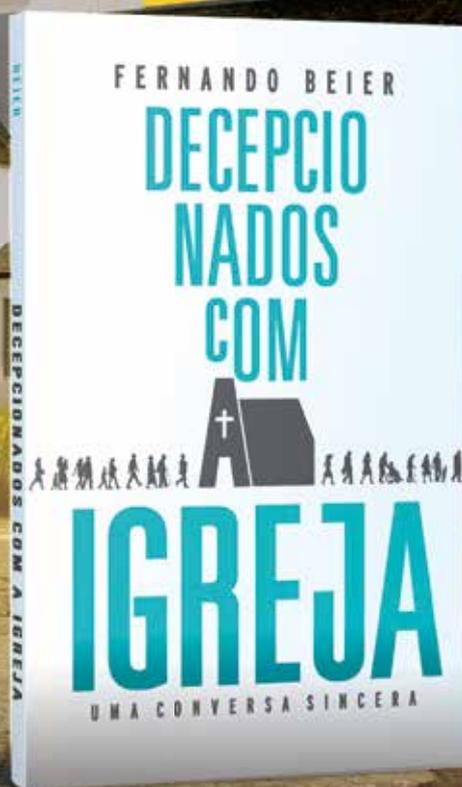
Como usar comentários bíblicos e Bíblias de estudo + A mensagem de saúde e a obra médico-missionária

O que há de novo na nova aliança? + Mordomia e missão + Como fazer a diferença na vida dos filhos

QUAL A IMPORTÂNCIA DA COMUNIDADE DE FÉ?

"Abandonei a igreja, mas não Deus."

Esse é o argumento de uma parcela da sociedade que se vê cada vez mais "desigrejada". Desavenças entre os irmãos, algum descrédito em relação à liderança, críticas on-line e discordâncias doutrinárias têm sido as principais razões pelas quais as pessoas deixam a igreja.



MKT CPB | Adobe Stock

cpb.com.br • 0800-9790606

CPB livraria • (15) 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor (15) 3205-8910
atendimentolivrarias@cpb.com.br



Baixe o Aplicativo CPB



[f](#) [@](#) [t](#) [v](#) /cpbeditora



10

10 **Ministério com propósito**
Eduardo Lopes e Milton Andrade
 Redescobrimo a alegria do chamado

14 **Sacrifício superior**
Jiří Moskala
 O que há de novo na nova aliança?

18 **Ferramentas úteis**
Carlos Olivares
 Como usar comentários bíblicos e Bíblias de estudo

21 **O melhor investimento**
Adenilton Aguiar
 A conexão entre mordomia e missão

24 **Pai presente**
Renato Seixas
 Como fazer a diferença na vida dos filhos

30 **Estilo de vida adventista**
Jean Zukowski
 A mensagem de saúde e a obra médico-missionária



24

5 Editorial
 7 Entrelinhas
 8 Entrevista
 28 Ponto a ponto
 34 Dicas de leitura
 35 Palavra final



30

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 94 – Número 568 – Jul/Ago 2023
 Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor Wellington Barbosa
Editor Associado Milton Andrade
Revisoras Rose Santos; Rafaela Vitorino

Projeto Gráfico Levi Gruber
Capa Adobe Stock

Ministério na Internet
www.ministeriopastoral.com.br
www.facebook.com/revistaministerio
 Twitter: @MinisterioBRA
 Redação: ministerio@cpb.com.br

Conselho Editorial

Lucas Alves; Josué Espinoza; Adolfo Suarez; Marcos Blanco; Walter Steger; Pavel Goia; Jeffrey Brown; Abdoval Cavalcanti; Abimael Obando; Adrián Bentacor; Alberto Peña; Álvaro Cáceres; Antonio Funes; Carlos Sánchez; Davi França; Edilson Valiante; Edmundo Cevallos; Elieser Ramos; Everaldo Donato; Geraldo M. Tostes; Levino Oliveira; Ralides Nascimento; Rubén Montero

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA



Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
 Rodovia SP 127 – km 106
 Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP

Diretor-Geral Edson Erthal de Medeiros
Diretor Financeiro Uilson Garcia
Redator-Chefe Wellington Barbosa
Chefe de Arte Marcelo de Souza

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06
 Segunda a quinta, das 8h às 20h
 Sexta, das 7h30 às 15h45
 Domingo, das 8h30 às 14h
 Site: www.cpb.com.br
 E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 94,50
 Exemplar Avulso: R\$ 19,40



abir
 ASSINADORA BRASILEIRA

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sejam impressos, eletrônicos, fotográficos ou sonoros, entre outros, *sem prévia autorização por escrito* da editora.

Orientações aos escritores

Procuramos contribuições que representem a diversidade ministerial da América do Sul. Diante da variedade de nosso público, utilize palavras, ilustrações e conceitos que possam ser compreendidos de maneira ampla. A *Ministério* é uma revista *peer-review*. Isso significa que os manuscritos, além de serem avaliados pelos editores, poderão ser encaminhados a outros especialistas sobre o tema que seu artigo aborda.



Contribua para a **Ministério**

A revista *Ministério* é um periódico internacional editado e publicado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira, sob supervisão da Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A publicação é dirigida a pastores e líderes cristãos.

Áreas de interesse

- Crescimento espiritual do ministro.
- Necessidades pessoais do ministro.
- Ministério em equipe (pastor-esposa) e relacionamentos.
- Necessidades da família pastoral.
- Habilidades e necessidades pastorais, como administração do tempo, pregação, evangelismo, crescimento de igreja, treinamento de voluntários, aconselhamento, resolução de conflitos, educação contínua, administração da igreja, cuidado dos membros e assuntos relacionados.
- Estudos teológicos que exploram temas sob uma perspectiva bíblica, histórica ou sistemática.
- Liturgia e temas relacionados, como música, liderança do culto e planejamento.
- Assuntos atuais relevantes para a igreja.

Extensão

- Seções de uma página: até 4 mil caracteres com espaço.
- Artigos de duas páginas: até 7,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos de três páginas: até 12 mil caracteres com espaço.
- Artigos solicitados pela revista poderão ter mais páginas, de acordo com a orientação dos editores.

Estilo e apresentação

- Certifique-se de que seu artigo se concentra no assunto. Escreva de maneira que o texto possa ser facilmente lido e entendido, à medida que avança para a conclusão.

- Identifique a versão da Bíblia que você usa e inclua essa informação no texto. De forma geral, recomendamos a versão Nova Almeida Atualizada.
- Ao fazer citações bibliográficas, insira notas de fim de texto (não notas de rodapé) com referência completa. Use algarismos arábicos (1, 2, 3).
- Utilize a fonte Arial, tamanho 12, espaço 1,5.
- Informe no cabeçalho: Área do conhecimento teológico (Teologia, Ética, Exegese, etc.), título do artigo, nome completo, graduação e atividade atual.
- Envie seu texto para: ministerio@cpb.com.br. Não se esqueça de mandar uma foto de perfil em alta resolução para identificação na matéria.

PONTO DE ARRIMO

No primeiro trimestre de 2023, o Instituto Barna publicou um estudo sobre a satisfação e a confiança dos pastores em relação ao chamado que constatou um cenário preocupante. De acordo com a pesquisa, 66% dos pastores abaixo de 45 anos duvidaram em algum momento do chamado para o ministério, enquanto 51% dos clérigos acima de 45 anos expressaram esse sentimento. Quando o recorte da investigação considerou aqueles que pensaram em abandonar o pastorado, o número chegou a 72% (link.cpb.com.br/a4392a).

De fato, as dúvidas em relação ao chamado e à vocação impactam significativamente a forma como exercemos nosso ministério. O trabalho que desempenhamos é complexo, desafiador e está se tornando cada vez mais difícil. A moralidade está em declínio, as famílias estão se desintegrando, uma quantidade assustadora de pessoas está emocionalmente frágil e, para muitos, a crença em Deus não tem relevância prática no dia a dia. E eu não estou falando de quem está fora de nossos arraiais. Ao conversar com colegas de diferentes partes da América do Sul e do mundo, parece haver uma convergência de percepções. “Nos últimos dias sobrevirão tempos difíceis”, afirmou Paulo, e creio que estejamos neles (2Tm 3:1).

Diante desse cenário, não é anormal ter insegurança em algum momento da jornada. No entanto, quando isso acontece, precisamos nos voltar para o início de tudo. O chamado é a âncora do ministério, o que nos mantém firmes quando o mar da vida está revolto, as crises se avolumam e os ideais parecem desvanecer. O apóstolo Paulo exortou por duas vezes Timóteo, seu “filho na fé”, a manter aceso o fogo do chamado. Em 1 Timóteo 4:14, escreveu: “Não seja negligente para com o dom que você recebeu.” Na segunda vez, em 2 Timóteo 1:6, suas palavras foram ainda mais enfáticas: “Por esta razão, venho lembrar-lhe que reavive o dom de Deus que está em você pela imposição das minhas mãos.”

O chamado é a âncora do ministério, o que nos mantém firmes quando o mar da vida está revolto, as crises se avolumam e os ideais parecem desvanecer.

O contexto ministerial de Timóteo não era tranquilo, e as lutas que enfrentou o levaram às lágrimas (2Tm 1:4). Apesar disso, observe as preocupações do apóstolo: um ministro de Deus não pode ser negligente quanto ao chamado, muito menos deixar esfriá-lo. É importante destacar que Paulo escreveu essas orientações enquanto estava preso por causa do evangelho. A clareza do chamado que recebeu do Senhor dava sentido para toda e qualquer experiência que tivesse. Seu relato aos membros de Corinto nos ajuda a ter uma ideia das provas pelas quais passou: foram açoites, naufrágios, trabalhos, perigos, desconfortos, necessidades e preocupações (2Co 11:24-28). Mas apesar de tudo isso, ele pôde exclamar: “Tudo posso Naquele que me fortalece” (Fp 4:13).

As Escrituras estão repletas de exemplos de pessoas que foram às últimas consequências porque sabiam de quem haviam recebido o chamado: Abraão, Moisés, Isaías, Jeremias, Daniel, Tiago, Pedro, João e tantos outros, servem de inspiração para nós. Assim, no enorme relato da história do povo de Deus, seremos achados entre aqueles que retrocederam, ou na lista daqueles que, pela fé, avançaram determinados rumo ao “prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus” (Fp 3:14)? **IM**

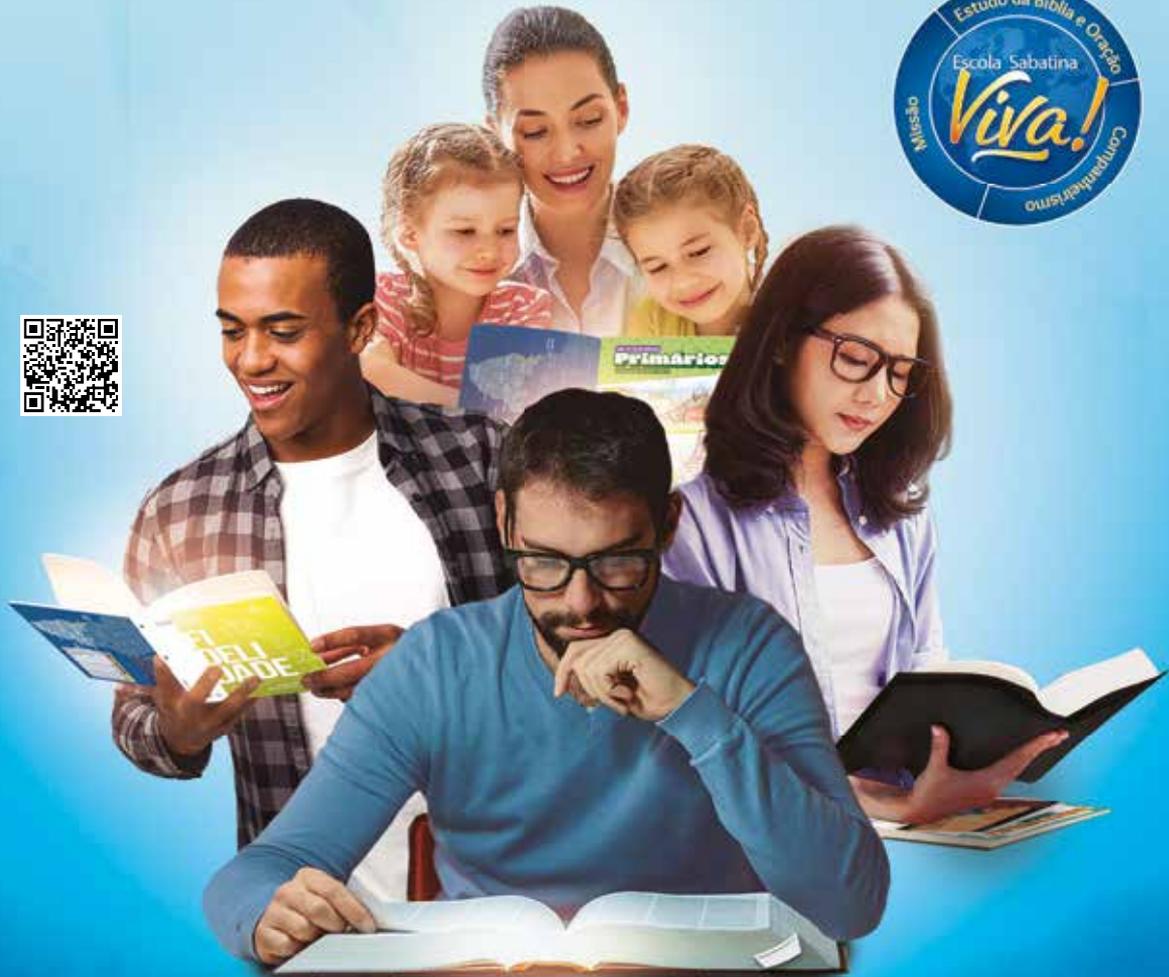


WELLINGTON BARBOSA
editor da revista
Ministério



MUTIRÃO DE ASSINATURAS DA LIÇÃO DA ESCOLA SABATINA

MKT CPB | 123RF



MANA

CADA DIA, CADA UM, CADA MANHÃ

Acesse:

projetomana.com

Horários de atendimento das CPB livrarias no site: livrarias.cpb.com.br

cpb.com.br • 0800-9790606

CPB livraria • (15) 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor (15) 3205-8910
atendimento@cpb.com.br



Baixe o
Aplicativo CPB



[f](#) [@](#) [t](#) [v](#) /cpbeditora

MAIS QUE UMA PROFISSÃO

Ter a convicção do chamado divino é um excelente apoio para o ministério, um motor que nos move a avançar. Essa certeza torna nossas cargas mais leves e transforma o serviço em uma paixão. No entanto, é possível que alguns pastores não tenham a segurança do chamado divino nem considerem o ministério como a única vocação de sua vida. Isso pode levá-los a achar que o ministério é um trabalho comum, algo que se faz em troca de um salário.

Até o século XVII, as igrejas protestantes tratavam o chamado ao ministério como um assunto estritamente ligado à soberania divina. Assim, muitos não se preocupavam com o aprimoramento intelectual nem com o reconhecimento da igreja. Por outro lado, a partir de meados do século XVII, as premissas religiosas passaram a ser substituídas pela razão. Concluiu-se, então, que a formação para o ministério era um assunto eminentemente acadêmico e profissional, com base na decisão racional de um indivíduo. É claro que nem todas as igrejas aderiram a essa concepção e preferiram lutar para manter uma visão bíblica e equilibrada do ministério.

Desde os seus primórdios, a Igreja Adventista do Sétimo Dia tem procurado refletir, com base na Bíblia e nos escritos de Ellen White, sobre a importância do chamado ao ministério pastoral. Podemos reconhecer alguns conceitos-chave relacionados a esse tema:

Origem e confirmação. O chamado para o ministério pastoral provém de Deus, e sua confirmação é realizada pela igreja, a qual atesta sobre a idoneidade dos dons outorgados pelo Senhor a seus pastores. O *Guia Para Ministros* declara: "Aqueles que receberam um chamado para o ministério evangélico também recebem, ao mesmo tempo, um chamado pessoal de Cristo. Além disso, eles aceitam um convite da comunidade da igreja, que reconhece o chamado e o reafirma empregando e credenciando o indivíduo para o ministério pastoral. Em ambos os casos, o chamado vem de Cristo" (p. 10).

Responsabilidade. O apóstolo Paulo escreveu: "Ai de mim se não pregar o evangelho!" (1Co 9:16).

O progresso contínuo é a prova de um ministério vivo.

Ele não demonstrou dúvida, insegurança ou um coração dividido. Sua declaração expressa a convicção de alguém que não consegue imaginar a vida sem cumprir a vontade de Deus. Paulo conhecia o peso da responsabilidade de ser um representante do Céu, alguém que estava disposto a carregar com alegria a missão de pregar o evangelho.

Capacitação. É difícil conceber a ideia de um formador de pessoas que não tenha sido treinado primeiro. Portanto, é imprescindível que o pastor seja preparado para poder preparar outros para o serviço. Sendo que o ministério e seus propósitos vão além de qualquer capacidade humana, o homem escolhido necessita do poder divino para cumprir seu trabalho. Diante desse desafio, Deus não nos deixa sozinhos. Ele nos dá os dons e nos ajuda a desenvolvê-los com excelência.

Progresso. Deus quer que os pastores experimentem um crescimento contínuo e integral, testemunhando do poder de Deus em sua vida. Esse progresso constante inspirará os membros da igreja na busca pelo crescimento em Cristo. Devemos reconhecer que o progresso não é apenas uma necessidade, é também uma marca do ministério. O progresso contínuo é a prova de um ministério vivo.

Reconhecimento. O pastor não deve buscar ou esperar reconhecimento por seu trabalho. O reconhecimento de um ministério eficaz será a resposta natural daqueles que se sentem abençoados e conduzidos por pastores consagrados ao serviço de Deus. No tempo certo, o Senhor manifestará o reconhecimento devido a Seus ministros.

Hoje Deus quer renovar Seu chamado em nossa vida. Tenho a convicção de que esse convite não foi por acaso, nem foi um erro, pois Deus jamais se equivoca. Creio de coração que Ele habilitará você para cumprir Seus elevados propósitos. **M**



JOSUÉ ESPINOZA

secretário ministerial
associado para a Igreja

Adventista na América do Sul

CHAMADO PARA SERVIR



De acordo com o apóstolo Pedro, Deus chama pastores para desempenhar um serviço espontâneo, exemplar e de boa vontade (1Pe 5:2, 3). Essa obra, segundo Ellen White, é “solene e sagrada” (*Evangelismo* [CPB, 2023], p. 129). Como porta-vozes de Deus, os ministros do evangelho devem representar o Senhor em pensamento, palavra e ação.

Nesta entrevista, **Carlos Hein** fala a respeito da importância do chamado no ministério pastoral. Adventista de quinta geração, Hein nasceu em Entre Rios, na Argentina. cursou Teologia na Universidade Adventista del Plata e se casou com a enfermeira Graciela Hellvig em 1978. Ambos trabalharam como missionários na lancha Luzeiro, no Amazonas. Hein também serviu como pastor distrital, departamental, presidente de Campo, vice-reitor e secretário ministerial da Divisão Sul-Americana. Concluiu seu ministério como diretor de Desenvolvimento Espiritual no Sanatório Adventista del Plata. Atualmente reside na Argentina. Com Graciela, teve três filhos: Nancy, Bily e Erwin.

Paulo tinha muito claro o motivo pelo qual estava no ministério: ele havia sido chamado por Deus.

Qual é a importância do chamado para o ministério pastoral?

Vou responder a essa pergunta contando sobre uma situação que aconteceu comigo há alguns anos. Naquela ocasião, o céu estava escuro, fazia muito frio, e o vento soprava com força. Estávamos às portas de uma grande tormenta. Tudo indicava que seria prudente esperar um pouco antes de sair para fazer algumas visitas. Mas havia uma família sofrendo, passando por uma grande necessidade. Eu devia sair! Enquanto caminhava contra o vento forte, veio à minha mente a seguinte pergunta: “Por que eu faço o que faço?”

A resposta a essa pergunta dá sentido ao meu ministério. Não faço o que faço como um meio de ganhar a vida ou apenas porque gosto. Sou um pastor porque “sobre mim pesa essa obrigação; porque ai de mim se não pregar o evangelho!” (1Co 9:16).

Sempre me lembro daqueles operários de Berlim que estavam cavando uma vala em um terreno pedregoso, em uma tarde muito quente, quando um jornalista se aproximou e perguntou a eles o que estavam fazendo. Um deles falou: “Estamos trabalhando como burros!” Outro, olhando para o repórter, simplesmente disse: “Estamos fazendo uns poços.” Mas outro operário, que parecia mais feliz, respondeu: “Estamos construindo uma catedral!” Este era o único que trabalhava feliz, porque sabia o que estava fazendo. Não via simplesmente uma vala ou um trabalho árduo, mas sabia que estava construindo um edifício para a adoração a Deus.

O apóstolo Paulo tinha isso bem claro em sua mente. Quando escreveu ao seu amado discípulo Timóteo, apresentou-se, dizendo: “Paulo, apóstolo de Cristo Jesus,

por ordem de Deus” (1Tm 1:1). Ele tinha muito claro o motivo pelo qual estava no ministério: ele havia sido chamado por Deus. Por essa razão, trabalhava com entusiasmo e alegria (1Tm 1:12).

O que diria para um pastor que perdeu o propósito no ministério?

A única maneira de ser feliz no ministério é dizer e viver as palavras de Jeremias: “Tu, ó Senhor, estás em nosso meio, e nós somos chamados pelo Teu nome. Não nos abandones!” (Jr 14:9). Obviamente, nem sempre é fácil aceitar o chamado divino. Jeremias quis escapar dele, mas não pôde. A Palavra de Deus era como um fogo em seu coração, e ele não teve outra escolha a não ser apreciá-la (Jr 20:9).

Quando Deus convoca alguém para o serviço, essa convocação não é improvisada, passageira ou reversível, como Paulo observa: “Porque os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis” (Rm 11:29). Com relação a um colega que perdeu o propósito no ministério, eu o levaria a rever sua relação com Deus e o estimularia a aprofundar seu relacionamento com Jesus. Certamente também lhe estenderia a minha amizade e intercederia por ele em oração.

Quais conselhos daria a um pastor aspirante?

No diálogo com os aspirantes ao ministério, sempre procurei recordar que o chamado de Paulo estava ligado à pessoa de Cristo. A identidade essencial do apóstolo era a de “servo de Cristo Jesus”. Foi essa condição de se considerar “sob ordens” superiores que lhe permitiu confrontar as muitas dificuldades que rodearam seu ministério. Isso foi especialmente verdadeiro em relação à congregação em Corinto, que foi para ele uma verdadeira dor de cabeça – situação que todos os ministros muitas vezes enfrentam. Houve momentos em sua experiência de liderança que foram perigosos e frustrantes. Ele os descreve assim: “Quando chegamos à Macedônia, não tivemos nenhum alívio. Pelo contrário, em tudo fomos atribulados: lutas por fora, temores por dentro” (2Co 7:5). No entanto, em meio a tantas dificuldades, ele pôde afirmar: “Graças, porém, a Deus, que, em Cristo, sempre nos conduz em triunfo” (2Co 2:14). Portanto, creio que os pastores aspirantes precisam centralizar seu ministério na pessoa de Jesus, Aquele que sempre nos faz vitoriosos.

O que nossos colegas mais precisam é encontrar ouvidos dispostos a escutar com empatia e ombros dispostos a ajudar.

Como um pastor pode renovar a chama do ministério pastoral?

Poderiam ser mencionadas várias dicas para renovar a chama do ministério pastoral, mas as mais importantes são: 1) Recordar diariamente por que faço o que faço (por mandato de Deus) e 2) Renovar diariamente a minha dependência de Deus, o que a Bíblia chama de olhar “firmemente para o Autor e Consumador da fé” (Hb 12:2). Sem Ele, não podemos fazer nada (Jo 15:5).

Ellen White escreveu: “O que necessitamos neste tempo perigoso é de um pastorado convertido. Necessitamos de homens que reconheçam sua pobreza de alma, e que busquem ardentemente o dom do Espírito Santo. Uma preparação interior é necessária para que Deus nos dê Sua bênção” (*Ministério Pastoral*, p. 32).

De quais maneiras um pastor pode ajudar um colega que está desanimado?

Todos os pastores desejam ter êxito no ministério. Um dos maiores perigos que corremos é “competir” com os nossos colegas. Há vários anos, quando me coube pregar em um encontro de presidentes realizado na minha União, um presidente muito experiente disse: “O grande problema no ministério ocorre quando vemos os nossos colegas como concorrentes, não como amigos.” Essa frase me impactou durante muito tempo. Embora eu desejasse que isso não fosse verdade, a realidade é que existe sim competição entre alguns pastores.

De que maneira posso ajudar um colega desanimado? Só há uma maneira: dar-lhe verdadeira amizade. Para que isso seja possível, em primeiro lugar, é necessário desenvolver uma amizade genuína com Jesus.

O que nossos colegas mais precisam é encontrar ouvidos dispostos a escutar com empatia e ombros dispostos a ajudar a levar os fardos da vida. Nossos colegas devem ver refletida em nós a humildade de Jesus! Eu oro para que Deus nos ajude a desenvolver a cada dia mais uma amizade maior com Ele e uns com os outros, sem competição! 

A man in a dark suit is seen from the back, looking out a large window at a city skyline during sunset. The sky is a warm orange and yellow, and the city buildings are silhouetted against the light. The man's head is turned slightly to the right, looking towards the horizon.

MINISTÉRIO, COM PROPÓSITO

Redescobrimo a alegria do chamado

Eduardo Lopes e
Milton Andrade

Um dos maiores expoentes do estudo sobre propósito e seu impacto na vida do ser humano foi o psiquiatra austríaco Viktor Frankl. Nascido em uma família judia, em 1905, Frankl criou um dos principais conceitos relacionados a ter uma vida com sentido, que valha a pena ser vivida, apesar

de todos os reveses.¹ Em 1942, o médico foi enviado para um campo de concentração nazista. Embora tenha sobrevivido, ele perdeu a esposa, um irmão e os pais nesse período. Baseado em sua vivência em três diferentes campos de concentração, Frankl escreveu um livro chamado *Em Busca de Sentido*.

Observando as pessoas com as quais convivia no campo de concentração, Frankl percebeu que algumas delas conseguiam suportar o sofrimento e sobreviver por mais tempo que outras. Comparando os diferentes comportamentos e reações (inclusive dele mesmo), o psiquiatra notou que existia um fator fundamental presente em todas as pessoas com maior resistência ao sofrimento: o propósito de vida.²

Frankl acreditava que todos os indivíduos requerem significado na vida e têm motivação constante para buscar e descobrir o propósito de sua própria existência. Assim, a busca por significado é uma motivação básica que explica como os indivíduos perseguem seus objetivos. Além disso, a dimensão cognitiva do significado na vida se concentra na compreensão de si mesmo e do mundo. Essa dimensão permite que os indivíduos compreendam o que desejam alcançar e manter no decorrer de sua existência.³

O psicólogo e professor Michael Steger propôs um modelo multidimensional de significado para a vida e postulou que seu objetivo era definir como, ou até que ponto, as pessoas compreendem, dão sentido ou veem significado em sua existência, acompanhado do grau em que se percebem como tendo um propósito ou uma missão. Para Steger, o propósito na vida representa um componente central da identidade de uma pessoa e fornece uma estrutura ampla e abrangente para a qual os indivíduos direcionam seus comportamentos e objetivos diários.⁴

Aplicado ao contexto das organizações, o escritor e palestrante Simon Sinek relaciona a ideia de *propósito* com o *porquê* de uma organização. Segundo ele, líderes não engajam as pessoas apresentando o *que* elas devem fazer, ou mesmo *como* fazer, mas sim inspirando-as com um *porquê*.⁵ Em outras palavras: criando, inspirando e unindo as pessoas em um propósito que justifique seus esforços no trabalho. Sinek chamou esse processo de Círculo Dourado.⁶



O Círculo Dourado permite atingir o cerne da questão do porquê e, com isso, fortalecer o propósito. Com o propósito correto e compreendido, gera-se a convicção. Estabelecer um propósito de vida é construir significado para suas ações e trazer sentido para suas vitórias e derrotas. É ter a certeza de que cada passo na vida tem sentido, visto que você está enxergando o real motivo que justifica sua existência e seus esforços em diferentes áreas, incluindo o âmbito profissional.

Recentemente, os professores de gestão Robert Quinn e Anjan Thakor apontaram que as novas gerações são engajadas por meio de propósito, valorizando cada vez mais a conexão entre o significado, o trabalho e a forma como a organização contribui para isso.⁷ O psicólogo Bryan Dik, além de outros pesquisadores, confirma que a busca por um propósito tem conectado as organizações a pessoas que procuram atender ao seu chamado e partem em busca de um trabalho significativo.⁸

Trabalho significativo

O ano de 1956 marcou o início dos estudos sobre trabalho significativo (*meaningful work*). O psicólogo Victor Frankl publicou em seu livro seminal uma frase marcante: “A principal preocupação do homem não é obter prazer ou evitar a dor, mas sim ver um significado em sua vida.”⁹ Frankl apontou que, para o ser humano encontrar significado na vida, ele necessita realizar algo, um trabalho, uma ação.

Pesquisadores da motivação clássica e psicólogos humanistas, como Clayton

Alderfer e Abraham Maslow, afirmam que é inerente ao ser humano almejar uma vida profissional com significado, de modo que esse trabalho possua o potencial de produzir no indivíduo a satisfação na vida e no trabalho.¹⁰

Ter a ciência de que possui um trabalho com significado alinhado ao seu propósito na vida impacta diretamente no relacionamento entre a pessoa e a organização em termos de comprometimento, lealdade e dedicação. O trabalho é o meio pelo qual expressamos o propósito de nossa vida por intermédio de atividades que envolvem a maior parte das horas em que estamos acordados. O trabalho também traz o senso de realização, sendo muitas vezes o principal elemento para que alguém encontre seu propósito na vida.¹¹

As pessoas entendem que o trabalho que desempenham deve ser capaz de perseguir objetivos importantes e têm autonomia no processo de tomada de decisão para o alcance desses objetivos. Além disso, quando o trabalho é percebido como significativo, as pessoas ficam menos vulneráveis à exaustão emocional, à depressão e à Síndrome de *Burnout*, além de terem maiores níveis de satisfação com a vida.¹²

Satisfação com a vida

A satisfação com a vida se refere aos sentimentos que uma pessoa tem em relação à sua própria existência. Sentimentos e percepções positivas podem estar associados à qualidade de vida, a qual é baseada em critérios e valores pessoais, como condições materiais, ambiente de convivência e emprego.¹³

A satisfação com a vida pode ser entendida como bem-estar subjetivo, o qual pode ser definido como a avaliação cognitiva e emocional que as pessoas fazem da vida. Essa avaliação busca entender o que faz as pessoas se sentirem bem em relação aos seus próprios valores e padrões.¹⁴

O bem-estar subjetivo não depende apenas de percepções individuais; ele também é decorrente de outros fatores, como

Quando o trabalho é percebido como significativo, as pessoas ficam menos vulneráveis à exaustão emocional, à depressão e à Síndrome de Burnout, além de terem maiores níveis de satisfação com a vida.

indicadores sociais, desempenho institucional e valores culturais. Além disso, é interessante notar que o bem-estar subjetivo implica diferentes percepções de satisfação com a vida ao longo da existência do indivíduo.¹⁵

Estudos recentes mostraram que indivíduos que possuem grande satisfação com a vida geralmente têm menor intenção de deixar a organização e possuem alto nível de satisfação com o trabalho.¹⁶

Profissão e chamado

O professor Ryan Duffy é considerado um dos maiores pesquisadores da atualidade sobre chamado/propósito. Suas pesquisas apontam que o indivíduo que segue um chamado e tem um claro “porquê” em tudo o que faz é grandemente beneficiado, pois, além de viver com propósito, ele encontra satisfação em suas atividades.¹⁷

Curiosamente, alguns pesquisadores reconhecem que o chamado para uma profissão é algo que pode vir de Deus. Além disso, pesquisas recentes apontam que existe uma ligação íntima entre o chamado divino e a satisfação na vida, ou seja, essa satisfação é resultado de aceitarmos e seguirmos o chamado divino para nós.¹⁸

Viver um chamado passa por aceitar um trabalho com significado, o qual produz na vida da pessoa o sentimento de que sua tarefa é relevante e traz impacto na existência

de outras pessoas. Diariamente, o indivíduo deve estar atento ao propósito e ao significado da atividade que desempenha. Esse processo de atenção diária o ajudará a encontrar estabilidade e coerência na vida.

Por outro lado, é necessário compreender que viver um chamado não significa ter uma vida sem desafios. Qualquer atividade que exercemos traz consigo tarefas que, em sua maioria, não são prazerosas. É por essa razão que se faz necessário dar significado a todas as atividades que desempenhamos, pois isso facilitará a conexão do resultado delas com o chamado que possuímos.

Chamado ao ministério

Com base no que vimos até aqui, é fundamental para um pastor compreender o porquê de seu trabalho, a fim de encontrar significado na vida. Nesse sentido, algumas perguntas são cruciais: Por que faço o que faço? Encontro satisfação em ser um pastor? Entendo que meu ministério tem um propósito, um significado e uma missão clara e específica? Estou vivendo à altura do chamado de Deus?

Embora a psicologia tenha afirmado que um chamado profissional pode ser proveniente de Deus, o chamado para o ministério pastoral é diferente, específico e abrangente, pois envolve uma missão de caráter espiritual, que exige uma entrega completa ao serviço do Mestre. Foi assim com Moisés, Isaías, Jeremias, Pedro, João, Paulo, Timóteo e tantas outras personalidades da Bíblia. Para os homens rudes que trabalhavam no ramo da pesca, o Mestre disse: “Venham Comigo, e Eu os farei pescadores de gente” (Mt 4:19). E a Bíblia acrescenta: “Eles deixaram imediatamente as redes e O seguiram” (v. 20). Para o influente Saulo, Jesus disse por intermédio de Ananias: “Este é para Mim um instrumento escolhido para levar o Meu nome diante dos gentios e reis” (At 9:15). Aquele obstinado fariseu também deixou tudo

para seguir o Mestre. O que fez com que esses homens abandonassem tudo e seguissem a Cristo? Certamente, o impacto do chamado, e mais: a convicção de quem os estava chamando. Esses são os verdadeiros motivos para um ministério com significado.

No livro *Um Ministério, Uma Vida*, o pastor Alejandro Bullón afirma que existe uma clara distinção entre vocação e chamado. Vocação é a inclinação que um indivíduo tem para algum tipo de atividade. Ela envolve gostos, preferências, interesses, habilidades e, claro, personalidade. É o caso da pessoa que ama cuidar de gente e enxerga na profissão de médico uma oportunidade de servir e de se realizar na vida. No entanto, o ministério pastoral é diferente. Ele vai além de uma profissão ou de uma carreira que exige vocação. Embora envolva esses aspectos, o ministério pastoral é “uma resposta ao chamado divino”.¹⁹ Na vida de todo pastor deve acontecer este ponto de partida: o momento em que Deus o encontra e o chama para segui-Lo e para servi-Lo. O chamado é, portanto, o princípio, a base, o fundamento do ministério de um pastor.

Observe que o primeiro passo é seguir a Cristo, ou seja, ser um discípulo Dele. A palavra discípulo significa “aluno”, “aprendiz”, “alguém que segue os passos do mestre”. O chamado para o ministério envolve deixar os próprios caminhos para seguir Aquele que é “o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14:6). À medida que o ministro segue a Cristo e é moldado à semelhança Dele, ele deve cumprir a missão apostólica de ganhar pessoas para o reino de Deus, ou seja, obedecer ao “ide” de Cristo (Mt 28:18-20). A palavra “apóstolo” significa “enviado”. Ambas as dimensões apresentadas por meio destas duas palavras – discípulo e apóstolo – devem acompanhar o ministério de um pastor. Antes de ir, ele deve permanecer. Antes de servir, deve ser um exemplo. Ellen White sintetizou: “A prova do chamado de um ministro para pregar o evangelho é vista em seu exemplo e trabalho.”²⁰

E acrescentou: “Se o homem que sente ter sido chamado por Deus para ser um ministro se humilhar e aprender de Cristo, irá se tornar um verdadeiro pregador.”²¹

Chamado e significado

Se aplicássemos o Círculo Dourado de Simon Sinek ao ministério pastoral, teríamos que responder para nós mesmos às três perguntas: *O que devo fazer? Como devo fazer? Qual é o porquê do meu ministério?* Talvez você conheça muito bem as respostas para as duas primeiras perguntas; saiba dirigir comissões, preparar sermões, fazer visitas, construir igrejas, aconselhar pessoas, fazer planejamentos, entre outras atividades. Mas a pergunta chave é: Por que você faz tudo isso? Digo que essa pergunta é chave porque alguns pastores perderam o sentido do ministério, encarando-o como um fardo, uma profissão qualquer ou simplesmente um meio de se ganhar a vida. Perderam em algum momento o significado do serviço, da missão e, principalmente, do chamado divino.

Após pregar na sinagoga de Cafarnaum, Jesus observou que alguns de Seus discípulos O haviam abandonado. Então dirigiu-Se aos Doze, dizendo: “Será que vocês também querem se retirar?” (Jo 6:67). A resposta de Pedro é emblemática e serve também aos pastores de hoje: “Senhor, para quem iremos? O Senhor tem as palavras da vida eterna, e nós temos crido e conhecido que o Senhor é o Santo de Deus” (v. 68, 69). O sentido do ministério encontra-se em seguir uma Pessoa; em atender ao chamado do Mestre para permanecer aos Seus pés e depois sair proclamando ao mundo os Seus feitos gloriosos. Como você tem lidado com essa sagrada vocação? Tem desfrutado o real significado do ministério?

Sugiro um exercício de memória. Você consegue se lembrar do momento e do lugar em que Deus o chamou para ser um pastor? Talvez na rua, durante um sermão, em uma conversa ou enquanto orava e lia a Bíblia. Lembra-se do momento em que seu coração ardeu ao ouvir o convite do Mestre

para participar da obra de transformação de vidas? Esse mesmo Deus quer renovar seu ministério e trazer significado para sua vida hoje. A mesma voz, a mesma brasa, a mesma luz e o mesmo toque ainda estão à disposição para restaurar ministérios fracos, desanimados e mortos.

Viktor Frankl nos ensinou que uma vida com propósito pode resistir ao mais cruel campo de extermínio. O apóstolo Paulo já sabia disso, séculos antes. Enquanto aguardava sua sentença, ele descreveu o porquê de sua vida: “Para este evangelho eu fui designado pregador, apóstolo e mestre e, por isso, estou sofrendo estas coisas. Mas não me envergonho, porque sei em quem tenho crido e estou certo de que Ele é poderoso para guardar aquilo que me foi confiado até aquele Dia” (2Tm 1:11, 12). Se você tem enfrentado lutas em seu ministério, lembre-se de que Deus o chamou, Ele está ao seu lado e que “a mais elevada de todas as obras é o ministério em seus vários ramos, e deve ser conservado na mente dos jovens que não existe obra mais abençoada por Deus que a do ministério evangélico”.²²

Referências

¹ Viktor E. Frankl, *Em Busca de Sentido: Um Psicólogo no Campo de Concentração* (Petrópolis, RJ: Vozes, 2019), p. 7.

² Frankl, *Em Busca de Sentido: Um Psicólogo no Campo de Concentração*, p. 89.

³ Steven J. Heine, Travis Proulx e Kathleen D. Vohs, “The Meaning Maintenance Model: On the Coherence of Social Motivations”, *Personality and Social Psychology Review*, 10 (2006), p. 88-110.

⁴ Michael F. Steger, “Meaning in Life”, em *Oxford Handbook of Positive Psychology*, ed. Shane J. Lopez, 2ª ed. (Oxford, UK: Oxford University Press, 2009), p. 679-687.

⁵ Simon Sinek, *Start With Why: How Great Leaders Inspire Everyone to Take Action* (Nova York: Penguin, 2009), p. 133.

⁶ Sinek, *Start With Why: How Great Leaders Inspire Everyone to Take Action*, p. 37.

⁷ Robert E. Quinn e Anjan V. Thakor, “Creating a Purpose-Driven Organization”, *Harvard Business Review* 96 (2018), p. 78-85.

⁸ Ryan Duffy, Elizabeth Bott, Allan Blake, Carrie Torrey e Bryan Dik, “Perceiving a Calling, Living a Calling, and Job Satisfaction: Testing a Moderated, Multiple Mediator Model”, *Journal of Counseling Psychology* 59 (2012), p. 50-59.

⁹ Viktor E. Frankl, “From Psychotherapy to Logotherapy”, *Pastoral Psychology* 65 (1956), p. 56-60.

¹⁰ Clayton P. Alderfer, *Existence, Relatedness and Growth: Human Needs in Organizational Settings* (Nova York: The Free Press, 1972); Abraham H. Maslow, “A Theory of Human Motivation”, *Psychological Review* 50 (1943), p. 370-396.

¹¹ Neal Chalofsky, “An Emerging Construct for Meaningful Work”, *Human Resource Development International* 6 (2003), p. 69-83.

¹² Minseo Kim e Terry A. Beehr, “Organization-Based Self-Esteem and Meaningful Work Mediate Effects of Empowering Leadership on Employee Behaviors and Well-Being”, *Journal of Leadership & Organizational Studies* 25 (2018), p. 385-398.

¹³ Sara Santilli, Silke Grossen e Laura Nota, “Career Adaptability, Resilience, and Life Satisfaction Among Italian and Belgian Middle School Students”, *The Career Development Quarterly* 68 (2020), p. 194-207.

¹⁴ Rebecca S. Merkin, “Employee Life Satisfaction and Social-Capital Factors Relating to Organizational Citizenship”, *Performance Improvement Quarterly* 33 (2019), p. 55-75.

¹⁵ Jose M. Tomás, Melchor Gutiérrez, Patricia Sancho e Isabel Romero, “Measurement Invariance of the Satisfaction With Life Scale (SWLS) by Gender and Age in Angola”, *Personality and Individual Differences* 85 (2015), p. 182-186.

¹⁶ Merkin, “Employee Life Satisfaction and Social-Capital Factors Relating to Organizational Citizenship”, p. 55-75.

¹⁷ Duffy, Bott, Blake, Torrey e Dik, “Perceiving a Calling, Living a Calling, and Job Satisfaction: Testing a Moderated, Multiple Mediator Model”, p. 50-59.

¹⁸ Ryan Duffy, Pamela Foley, Trisha Raque-Bodgan, Laura Reid-Marks, Bryan Dik, Megan Castano e Christopher Adams, “Counseling Psychologists Who View Their Careers as a Calling: a Qualitative Study”, *Journal of Career Assessment* 20 (2012), p. 293-308.

¹⁹ Alejandro Bullón, *Um Ministério, Uma Vida* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2022), p. 7.

²⁰ Ellen G. White, *Review and Herald*, 5 de abril de 1892.

²¹ Ellen G. White, *Review and Herald*, 15 de abril de 1902.

²² Ellen G. White, *Evangelismo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2023), p. 14, 15 [23].

EDUARDO LOPES

professor de Administração
no Unasp, Engenheiro
Coelho



MILTON ANDRADE

editor associado da
revista *Ministério*



SACRIFÍCIO SUPERIOR

O que há de novo na nova aliança?

Jiří Moskala

Na Bíblia, uma aliança consiste no estabelecimento legal de uma relação entre Deus e o Seu povo. Deus é quem toma a iniciativa de instituir e assegurar esse relacionamento. As alianças que Ele estabelece são baseadas no Seu amor, na Sua graça e na Sua fidelidade, tendo raízes na aliança eterna que tinha o intuito de salvar a humanidade e que foi estabelecida pela Trindade antes da fundação do mundo, caso o ser humano caísse em pecado (Ef 1:3, 4; 2Tm 1:9; Tt 1:12; 1Pe 1:20; Ap 13:8).¹

O autor do livro de Hebreus, que se acredita ser o apóstolo Paulo, faz uma distinção entre a “primeira” e a “nova” aliança, alegando que se não houvesse nenhuma “deficiência” ou “inadequação” na primeira aliança, a segunda ou a “nova” aliança não seria necessária. Paulo discute a questão da nova aliança no contexto do ministério de Cristo como nosso Sumo Sacerdote no santuário celestial, fazendo uma comparação com os serviços do santuário realizados no tabernáculo terrestre pelos sacerdotes levitas, que exigiam sacrifícios de animais. Ele também fala sobre a “aliança superior”

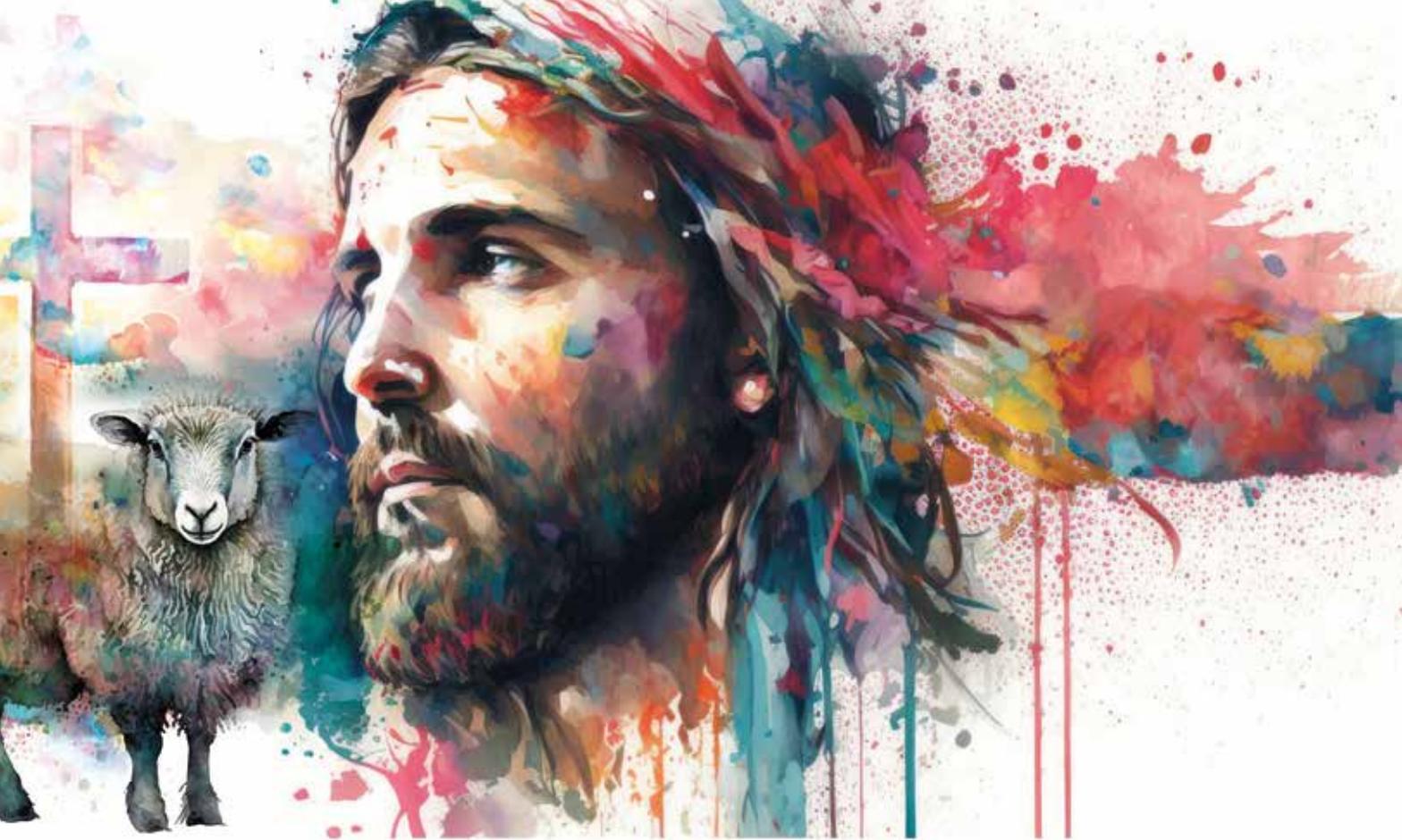
(Hb 7:22; 8:6) e diz que essa é a “nova aliança” (Hb 8:8; 9:15; 12:24; cf. Lc 22:20; 1Co 11:25; 2Co 3:6), ou a “segunda” aliança (Hb 8:7). O adjetivo chave “melhor” é comparativo de “bom”, ou seja, Paulo contrasta a primeira aliança, que era “boa”, com a nova aliança, que é “melhor”.

A primeira aliança

O que Paulo quer dizer quando fala sobre a “primeira aliança”? (A frase completa é usada somente em Hebreus 9:15, mas veja também em Hebreus 8:7, 13; 9:1, 18). Em Hebreus, Paulo nunca usa o termo *antiga aliança* para descrever a primeira aliança (ele usa a expressão *antiga aliança* somente em 2 Coríntios 3:14). O Senhor explica que a nova aliança não será como a “a aliança que fiz com os seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito” (Hb 8:9). Aqui, Ele está se referindo à aliança mosaica ou sinaítica estabelecida com Israel depois do êxodo (Êx 19–24). Essa aliança foi feita no monte Sinai (Êx 19:3-8; Hb 12:18-21), ratificada pelo sangue de animais sacrificados (Êx 24:4-8) e renovada por Deus depois do ato de

apostasia cometido pelo povo ao adorar o bezerro de ouro (Êx 34:6, 7, 10, 11). Paulo fala sobre essa experiência do Sinai em Hebreus 9:18-20 e o profeta Jeremias também faz o contraste entre a nova aliança e a aliança sinaítica (Jr 31:32). Portanto, a primeira aliança a que Paulo se refere não foi estabelecida com Adão, Noé ou Abraão, mas sim com o povo de Israel no monte Sinai. De maneira clara, Paulo afirmou: “Ora, a primeira aliança também tinha preceitos de culto divino e o Seu santuário terrestre” (Hb 9:1).

Desse modo, no contexto da discussão que Paulo faz sobre as alianças no livro de Hebreus, a primeira aliança tinha duas partes indivisíveis: (a) a parte cerimonial ou cultural, que consistia no sistema de sacrifícios com todos os seus regulamentos e (b) a parte moral ou espiritual, que envolvia as quatro promessas eternas feitas por Deus. Ele havia dado esses quatro elementos para o povo de Israel no monte Sinai (e até mesmo anteriormente, já que se trata de princípios ou promessas de uma vida espiritual harmoniosa) e eles foram reenfatizados pelos profetas: (1) guardar e cultivar a lei de Deus no coração e na mente (Êx 20:2, 6;



Dt 6:5-8; 30:11-14; Js 1:6-9; Sl 1; 37:30, 31; Pv 3:4-7; Is 51:7); (2) ter um relacionamento próximo de aliança com Deus (Êx 6:6, 7; Lv 26:12); (3) ter conhecimento concreto sobre Deus (Êx 16:6; 29:46; 33:13) e (4) obter o perdão dos pecados (Êx 20:6; 34:6, 7; Sl 32:1, 2; 51:1-4, 10-12; Is 1:18, 19). O conteúdo da nova aliança não era nenhuma novidade, mas tratava-se da renovação de um apelo para que a lei de Deus fosse internalizada na mente e no coração do povo, ressaltando assim a continuidade dessa aliança. No Sermão do Monte, Jesus fez exatamente isso ao explicar o verdadeiro significado dos ensinamentos do Antigo Testamento (Mt 5:17-48).

O que estava errado?

Paulo afirma que, “se aquela primeira aliança tivesse sido sem defeito, de maneira alguma estaria sendo buscado lugar para uma segunda aliança” (Hb 8:7). Quando refletimos sobre a primeira ou antiga aliança, muitos cristãos automaticamente supõem que a aliança sinaítica fosse ruim. Contudo, dizer que havia algum “erro” na aliança seria fazer uma interpretação incorreta do texto original grego, que traz a

palavra *amemptos*, que significa “impecável”, “irrepreensível”, “sem defeito”.

Paulo argumenta que na primeira aliança havia uma certa insuficiência, uma deficiência, que faltava alguma coisa (v. 7, 8), mas não diz que ela era ruim. A primeira aliança era boa, porém tinha “fraqueza e inutilidade” (Hb 7:18). Foi caracterizada como “antiquada” (Hb 8:13, aqui o verbo grego *palaiotein* significa “declarar obsoleto”, “tornar velho ou envelhecer”), implicando que a primeira aliança estava se extinguindo, desaparecendo e envelhecendo, portanto, já não era relevante. Mas por quê?

A aliança sinaítica, com todas as suas cerimônias e sacrifícios específicos, era uma ilustração (Hb 9:9; cf. 8:5), uma lição objetiva de como Deus salva as pessoas arrependidas, de como Ele lida com o pecado e de como Ele destrói o mal. Essa demonstração do plano de Deus para a redenção da humanidade incluía ferramentas de ensino que apontavam para Jesus Cristo. A antiga aliança demandava (1) o oferecimento de sacrifícios com derramamento de sangue animal, o que não tinha o poder de perdoar pecados (Hb 9:23; 10:4) e também não

trazia a perfeição, nem a limpeza de consciência das pessoas, nem a garantia de salvação (Hb 7:11; 9:9, 10); (2) exigia o serviço de sacerdotes pecadores e mortais que, por consequência, tinham que oferecer sacrifícios constantes por si mesmos e pelo povo (Hb 5:3; 7:23, 27; 9:7); (3) requeria o sacerdócio levítico (Hb 7:5, 9, 11), em contraste com o sacerdócio de acordo com a ordem de Melquisedeque (Hb 6:20; 7:24, 26-28); e (4) demandava regulamentos na adoração e um santuário terrestre (Hb 9:1). Assim, vislumbrou-se a necessidade um santuário superior ao terrestre (Hb 8:1, 2; 9:11, 12), um sacrifício melhor, de um sangue superior (Hb 9:12-15, 23, 25). Surgiu também a necessidade de uma fundamentação mais adequada para as promessas (Hb 8:6) e uma esperança superior foi instaurada (Hb 7:19).

Em outras palavras, não havia nada de errado com a aliança sinaítica em si. A nova aliança era parte da aliança *eterna* de Deus com o Seu povo (Hb 13:20; cf. Is 55:3; Jr 50:4, 5; Ez 37:26). Foi o próprio Deus quem iniciou e estabeleceu um relacionamento de aliança com eles. Portanto, a culpa também não foi de Deus.

Em vez disso, o problema foi a maneira como o povo recebeu a aliança: “Deus, porém, achou o povo em falta [*memphomai*, achar falta ou culpar]” (Hb 8:8, NVI). O povo transgrediu a primeira aliança e esse foi um dos motivos pelos quais Deus estabeleceu uma nova aliança (Êx 20:18-20; 32:4-6, 19, 20; Lv 17:7). Eles tratavam a lei de Deus como um mero comando, como algo que deveriam fazer para se tornar santos e justos, em vez de manterem os preceitos divinos por gratidão pela Sua bondade para com eles. O Decálogo se tornou a realização da obra e a dura obediência ao que Deus havia estipulado, não sendo visto como Sua promessa. Então, a lei se tornou um fardo, um dever a ser cumprido, em oposição à uma demonstração da gratidão que tinham pela bondade do Senhor.

A nova aliança

A primeira diferença da nova aliança é a ratificação da aliança por meio da morte de Cristo na cruz. Ele é o fiador dessa aliança (Hb 7:22), pois foi Ele quem garantiu e selou o perdão e a salvação para Seus seguidores, assim como para aqueles que creram na época do Antigo Testamento, como antecipação da cruz (Hb 9:15). A segunda diferença é que o sacrifício de Jesus na cruz cumpriu o sistema sacrificial (Dn 9:27a; Mt 27:51; Jo 1:29; 1Jo 2:2), por conseguinte, os sacrifícios e o derramamento do sangue de animais, o sacerdócio levítico e o santuário terrestre já não eram necessários nem relevantes. A terceira diferença é que somente os elementos cerimoniais e culturais da primeira aliança é que deixaram de existir: o sacrifício de animais, o sacerdócio levítico e os serviços do santuário terreno. As “ofertas e os sacrifícios oferecidos não podiam dar ao adorador uma consciência perfeitamente limpa” (Hb 9:9, NVI), mas o sangue de Cristo tem o poder de purificar “a nossa consciência de atos que levam à morte” (v. 14; cf. 10:22). A imperfeição dos sacerdotes levíticos é comparada com a vida de obediência e perfeição de Jesus (Hb 2:10; 4:15; 5:8, 9; 7:26). O ciclo perpétuo do sacrifício de

animais que era feito pelo povo e pelos sacerdotes foi quebrado. O sacrifício de Cristo é suficiente e traz salvação para aqueles que creem Nele (Hb 7:27; 9:12, 26, 28; 10:10).

Então deve-se observar que há uma diferença entre os rituais externos e o conteúdo interno relacionado à aliança mosaica. A parte cultural e cerimonial da primeira aliança era temporária: os regulamentos, os sacrifícios, os sacerdotes e o santuário terrestre se cumpriram na morte de Jesus, pois Ele cumpriu o sistema sacrificial na cruz (Dn 9:27). Nesse sentido, “Ele cancela a primeira aliança a fim de estabelecer a segunda” (Hb 10:9, NVT; cf. 8:13). Se olharmos por esse prisma, a descontinuação é enfatizada no livro de Hebreus e a aliança é caracterizada como “nova”.

Contudo, em relação ao conteúdo da aliança, não há nada de novo, pois os mesmos quatro princípios ou promessas estão presentes em ambas as alianças. A lei não foi revogada na nova aliança, mas sim internalizada (Mt 5:17-48), do mesmo modo que estava no coração daqueles que acreditavam em Deus no Antigo Testamento (Dt 30:14; Sl 37:30, 31; 40:8; Is 51:7). A lei de Deus é escrita no coração com consentimento amoroso e informado. A obediência perfeita só acontece por meio de Cristo (Hb 2:10, 17; 4:15; 5:9; 10:5, 6) e somente Ele a dá aos que creem (Hb 2:10, 11, 18). Essa perspectiva realça a continuidade dos quatro aspectos fundamentais da aliança sinaítica. O termo “nova” (do hebraico *khadash* e do grego *kainos*) deveria ser traduzido como “renovação” nesse contexto bíblico, já que aponta para uma renovação da intenção original da aliança que Deus fez com Seu povo e para a sua continuidade.

A realidade histórica

O novo aspecto da nova aliança não está relacionado ao seu conteúdo, mas sim à eficiência de Cristo e ao que Ele conquistou na cruz, onde a aliança foi ratificada por meio do Seu sacrifício em nosso favor (Hb 9:15), o que O torna fiador da nova

aliança (Hb 7:22). Assim, “Ele é o Mediador da nova aliança”, a fim de que todos os que creram Nele em todas as eras da história “recebam a promessa da herança eterna” (Hb 9:15; 12:24). Ele ofereceu a Sua vida como um sacrifício superior que garantiu o perdão dos nossos pecados. O que havia sido feito no Antigo Testamento agora estava garantido (Hb 9:15; cf. Rm 3:22-26; Ef 1:4; Ap 13:18). Jesus morreu de “uma vez por todas” (Hb 7:27), não várias vezes, como acontecia com o sacrifício de animais que não garantiam o perdão. Eles apenas apontavam para o perdão que se tornou disponível por intermédio de Cristo.

Embora já não estejamos sob as obrigações do santuário terrestre, as promessas de Deus são as mesmas nas duas alianças: obter conhecimento pessoal de Deus, experimentar o perdão dos pecados e receber a vida eterna. Antes que Jesus viesse ao mundo para tornar a aliança real, Deus deixou um exemplo do plano da redenção para os israelitas, a fim de que eles compreendessem a terrível natureza do pecado e percebessem a maneira como Deus salva o pecador arrependido (Hb 9:9; cf. 8:5). A nova aliança foi estabelecida sobre um santuário superior, um sacrifício superior, um sacerdócio superior e promessas superiores. No centro da nova aliança está explícita a seguinte declaração: “Eles serão o Meu povo, e Eu serei o Seu Deus” (Jr 32:38, cf. Ap 21:3). A fórmula dessa nova aliança descreve a íntima relação de Deus com Seu povo e convida você a fazer parte dessa aliança de comunhão com Ele, que permanecerá por toda a eternidade. **IV**

Referência

¹ Para uma análise mais detalhada, leia meu artigo “The Newness of the New Covenant” no *Journal of the Adventist Theological Society* 32 (2021), p. 1-14, que contém referências e materiais adicionais.

JŘÍ MOSKALA
reitor do Seminário
Teológico da Universidade
Andrews



ELE CHEGOU!

Complete sua coleção.



Adquira **Liderança Cristã**
e descubra como ser um grande líder!



- Vocabulário contemporâneo e mais acessível
- Revisão de citações das fontes
- Diagramação mais compacta
- Paginação da edição em inglês na lateral

Jesus é o líder supremo da igreja. Ele espera que Seus representantes liderem com amor, coerência e altruísmo. Para isso, deixou preciosas recomendações e orientações para quem assume a responsabilidade de conduzir o povo de Deus.



Adquira a coleção completa com mais de **30 livros**, já disponíveis, que abordam temas fundamentais como: **saúde, educação, família, espiritualidade e muito mais.**

cpb.com.br • 0800-9790606
CPB livraria • (15) 98100-5073
Pessoa jurídica/distribuidor (15) 3205-8910
atendimento@cpb.com.br



Baixe o Aplicativo CPB



Facebook Instagram Twitter YouTube /cpbeditora

FERRAMENTAS ÚTEIS

Como usar
comentários bíblicos
e Bíblias de estudo

Carlos Olivares



A produção de comentários bíblicos dentro das editoras cristãs tem aumentado nos últimos anos. Em comparação com épocas passadas, nas quais os comentários de F. F. Bruce e William Barclay reinavam, atualmente o número desse tipo de livros é, sem dúvida, superior. Algo semelhante pode ser afirmado em relação às Bíblias de estudo, que são publicadas regularmente tendo em vista vários públicos específicos. Este artigo discute os benefícios, as limitações e os desafios com relação a esses dois tipos de literatura quando se estuda a Bíblia.

Benefícios

Ninguém discute os benefícios que um comentário bíblico tem no ministério de um pastor ou de qualquer líder de igreja. Eu os compro e os valorizo. Quantas vezes temos a necessidade de preparar um sermão à noite, na véspera do sábado, pois não tivemos tempo suficiente durante a semana para estudar uma passagem com profundidade! Nesse caso, não há dúvidas de que recorrer a um livro que comente os versículos ou a perícopes que pretendemos expor é uma boa solução. Nos momentos difíceis, um comentário permite encontrar ideias, conceitos e detalhes, o que não requererá investir grande tempo e esforço. Existem comentários homiléticos que nos auxiliam ao aplicar o sentido de um texto ou ao contar uma ilustração em circunstâncias nas quais a nossa imaginação e criatividade foram obscurecidas pelo cansaço.

Em outros casos, comentários especializados nos ajudarão a encontrar informações técnicas. Os pastores cujo conhecimento das classes de hebraico e grego ficou à mercê do esquecimento, podem recordar, aprender ou descobrir gemas preciosas que as palavras das línguas antigas proporcionam. Por outro lado, aqueles que nunca fizeram um curso de arqueologia, ou que não se lembram do conteúdo das aulas de história do Antigo Oriente Médio, encontrarão muitos dados valiosos que os auxiliarão a enriquecer seu sermão ou estudo.

Nessa mesma linha, para aqueles que têm receio de entrar em terrenos localizados fora das fronteiras da igreja, o *Comentário Bíblico Adventista* tem sido útil ao traçar a estrutura e o conteúdo de sermões e palestras. O melhor, sem dúvida, é que nele existem dados fornecidos pelo Espírito de Profecia que, de maneira rápida e segura, nos protegem contra a proliferação de herecias ou falsas leituras. O mesmo pode ser dito sobre o *Comentário Bíblico Andrews*, que a partir de um contexto mais atual nos fornece conceitos compactos e refinados.

Algo semelhante, eu diria, ocorre ao estudar ou ler uma passagem usando uma Bíblia de estudo. As referências cruzadas, as explicações e as introduções que elas possuem operam como uma espécie de “comida rápida teológica”. Tudo está condensado em poucas linhas, e os versículos sugeridos na borda ou no rodapé nos ajudam a encadear sistematicamente nossos estudos e pregações. Na minha opinião, a Bíblia de estudo é como um comentário bíblico com esteroides, pois em vez de ser uma coleção de livros, ela emprega um volume mais compacto. Isso a torna um objeto extremamente útil e prático. Por exemplo: quando alguém nos faz uma pergunta complexa, podemos ler a passagem e também procurar uma explicação convincente nas notas de rodapé. Além disso, aquelas temáticas adventistas que talvez tenhamos esquecido, ou que tristemente negligenciamos, emergem com clareza na Bíblia Andrews, à qual recorreremos como um colete salva-vidas quando desejamos estabelecer um caminho doutrinário apropriado.

Não sei você, mas para mim, os comentários e as Bíblias de estudo são muito proveitosos. Creio que devemos investir neles e lê-los. No entanto, há um problema com a forma como usamos um e outro, algo que nem sempre é discutido. É o que farei a seguir.

Limitações

A leitura crítica é algo que aprendemos no seminário e deveríamos sempre aperfeiçoar em nosso ministério. Como pastores, com exceção dos textos inspirados, lemos criticamente tudo aquilo que chega a nossas mãos e fazemos isso particularmente com os livros que não foram produzidos pelas nossas editoras. Uma das limitações dos comentários bíblicos, bem como de outros escritos de cunho humano, é que eles foram elaborados a partir de pressupostos teológicos. Não é demais recordar que o autor de um texto comentado usualmente envolve em sua abordagem o que ele pensa que é teologicamente correto, expondo, por exemplo, ideias calvinistas ou crítico-históricas em sua interpretação sobre a história da salvação.

Em certos casos, é verdade que os editores advertem ao leitor que o comentário que tem em suas mãos é reformado ou católico, titulando-o com esses ou outros qualificativos. Em muitos outros comentários, no entanto, é necessário examinar a perspectiva teológica do texto na introdução do livro, algo que pouquíssimos leitores fazem. Se você, como pastor, não realiza esse exercício intelectual crítico quando estuda ou lê um comentário bíblico, ou de fato qualquer outro livro, abriu as avenidas de sua mente.

Não esqueça que o primeiro comentarista bíblico foi Satanás, que interpretou capciosamente as palavras que Deus havia comunicado a Adão e Eva (Gn 3:1-5). E você sabe como a história evoluiu.

O que eu disse anteriormente não implica que todo o conteúdo dessas obras seja negativo, e que devemos queimar cada livro que contradiz nosso pensamento. Embora seja verdade que devemos lê-las com um juízo crítico, podemos aprender muito com elas, observando detalhes linguísticos, históricos e práticos que nunca teríamos imaginado. Toda essa informação, sem dúvida, alimentará positivamente nosso ministério. O problema é que, às vezes, desativamos nossos sensores doutrinários e corremos o risco de aceitar ideias que contradizem a cosmovisão bíblico-adventista.

Para evitar esse perigo, alguns poderiam optar por ler e examinar comentários elaborados unicamente em contextos adventistas. Ou, em casos extremos, evitariam qualquer tipo de literatura, incluindo as nossas, estudando apenas a Bíblia e os escritos de Ellen White. Essa última opção, no entanto, deve ser avaliada com cautela. Paulo citou mais de uma vez autores pagãos, procurando assim ilustrar verdades bíblicas (At 17:28; 1Co 15:33; Tt 1:12). Podemos especular que Paulo pelo menos conhecia esses autores, e em algum momento os leu ou teve acesso a compilações de seus textos. Isso significa que Paulo não se isolou em uma torre intelectual a fim de evitar a contaminação do mundo. Pelo contrário, ele achou viável ler com um olhar crítico e missionário o trabalho produzido por pessoas diversas. No entanto, como vou mostrar a seguir, penso que muitas vezes enveredamos por esse caminho de forma errada.

Desafios

É triste quando substituímos o estudo da Bíblia pela leitura de um comentário ou uma Bíblia de estudo. É verdade, como disse anteriormente, que por causa do tempo ou das atividades não planejadas temos

que ocasionalmente recorrer a uma dessas fontes para esboçar nosso sermão. O problema é que, se isso for recorrente em nosso ministério, evidenciamos que não passamos momentos de qualidade com Deus estudando a Bíblia. Dessa forma, nosso conteúdo homilético não surge de uma passagem das Escrituras, mas do que outra pessoa pensa sobre ela. Teremos, além disso, aniquilado ou suspenso nossa criatividade e liberdade para pensar. Afinal, alguém com credenciais superiores às minhas determinou o que a passagem significa. Quem sou eu, alguém poderá dizer, para contradizer ou acrescentar algo ao que certo autor comentou?

Corremos um risco semelhante quando lemos Bíblias de estudo. É possível que nos distraiamos lendo somente as notas e comentários que elas trazem, não deixando que o Espírito nos fale ao coração ou impressione nossa mente por meio de Sua Palavra. Por causa do conteúdo e das ideias, às vezes brilhantes, nos sentimos desencorajados a nos aprofundar na Palavra, amortecendo nossa capacidade crítica e deixando nossa experiência com Deus em segundo plano.

É importante lembrar que tudo isso contradiz o conselho de Ellen White, que afirmou: “Como o garimpeiro que descobre veios de metais preciosos escondidos sob a superfície da terra, também aquele que, com perseverança, busca a Palavra de Deus como se procurasse um tesouro escondido encontra verdades de grande valor, as quais estão escondidas daqueles que pesquisam de maneira descuidada.”¹ Isso significa que, como estudantes da Bíblia, devemos agir como garimpeiros e suar profundamente ao escavar com empenho as profundidades do texto bíblico, o qual renovará nossa vida, nosso ministério e pregação. Na minha opinião, o grande problema dos comentários e das Bíblias de estudo é que normalmente nos aproximamos deles evitando qualquer tipo de diálogo. Em outras palavras, nossa leitura dessas duas fontes se transformou

em um monólogo, no qual elas falam e nós escutamos em silêncio, cerceando nossas ideias. A estratégia correta, na minha opinião, é entendê-los como companheiros na interpretação, não como substitutos da Palavra. Isso implica estabelecer um diálogo que só ocorrerá quando primeiro, pessoal e privadamente, tenhamos estudado o texto bíblico. Uma vez feito isso, notaremos que aquilo que entendemos e descobrimos a respeito da Palavra será semelhante, muitas vezes, ao que comentaristas apontam. Ao fazer isso, estabeleceremos uma conversa e estaremos usando de forma correta esses dois recursos em nosso ministério.

Conclusão

Os comentários e Bíblias de estudo são ferramentas úteis e valiosas. No entanto, não permita que elas façam o trabalho que você, com oração e esforço intelectual, foi chamado a realizar. Não deixe que eles pensem por você nem mastiguem a comida que você deve mastigar por conta própria. Deus nos chama a crescer em conhecimento e fé (2Tm 2:15; 3:16, 17; 1Pe 2:2; 2Pe 3:18). Nesse processo, devemos, em primeiro lugar, examinar as Escrituras, para depois conversar e comparar nossas notas com o que outros autores dizem a respeito. Cresçamos, portanto, imitando os garimpeiros que trabalham em busca de veios ocultos sob a superfície da terra, para assim encontrar as palavras da inspiração, as que, “quando abrigadas no coração, serão como correntes jorrando da fonte da vida”.² **TM**

Referências

¹ Ellen G. White, *Caminho a Cristo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 80.

² White, *Caminho a Cristo*, p. 80.

CARLOS OLIVARES

professor de Teologia no Unasp, Engenheiro Coelho



O MELHOR INVESTIMENTO

A conexão entre mordomia e missão

Adenilton Aguiar



Mordomia e missão são temas que perpassam toda a Bíblia, de Gênesis a Apocalipse. Geralmente, onde as Escrituras tratam sobre mordomia, a missão de Deus também é abordada. Isso ocorre por uma simples razão: o objetivo da mordomia é fornecer os recursos humanos e materiais para o cumprimento da missão. Em outras palavras, a mordomia não tem um fim em si mesma, mas existe para fomentar a missão. Desse modo, podemos dizer que “mordomia sem missão é sem propósito; e missão sem mordomia é impossível! Em uma frase, mordomia e missão são tão indissociáveis quanto as duas faces da mesma moeda”¹

Observe, por exemplo, o primeiro texto da Bíblia em que o tema da mordomia é abordado: “E Deus os abençoou e lhes

disse: ‘Sejam fecundos, multipliquem-se, enchem a terra e sujeitem-na’” (Gn 1:28). Adão e Eva receberam a bênção da procriação e também a incumbência de serem mordomos da criação. O propósito divino era que Adão gerasse filhos “à sua semelhança, conforme a sua imagem” (Gn 5:3), assim como ele próprio havia sido criado à imagem de Deus (Gn 1:26). O objetivo era que a Terra se enchesse de pessoas que refletissem o caráter divino (Sl 72:19). Isso é missão!²

Essa conexão entre mordomia e missão pode ser vista em diversos textos das Escrituras. Como o espaço não permite explorar o tema mais amplamente, este artigo se deterá em algumas passagens cruciais. Em seguida, abordaremos um exemplo prático no livro de Lucas sobre como a mordomia

promove os recursos necessários para o cumprimento da missão.

O ensino de Jesus

Antes de passar à discussão sobre a relação entre mordomia e missão no ministério e ensinos de Jesus, é importante esboçar uma definição de mordomia. Um texto bíblico que sintetiza de maneira magistral a essência da mordomia cristã é Deuteronômio 6:4 e 5, que diz: “Escute, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Portanto, ame o Senhor, seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e com toda a sua força.” Essa passagem apresenta dois aspectos que são um antídoto infalível contra a idolatria: (1) o reconhecimento de que Deus é o único Senhor e (2) o amor a Deus acima de tudo. Assim,

podemos dizer que mordomia cristã é colocar Deus em primeiro lugar na vida, amando-O com todas as forças da alma. É amar a Deus mais do que se ama qualquer pessoa ou qualquer coisa.

Após definirmos o que é mordomia cristã, veremos alguns textos bíblicos que tratam da relação entre mordomia e missão.

Marcos 12:29-31. Em resposta à pergunta do escriba: “Qual é o principal de todos os mandamentos?” (Mc 12:28), Jesus fez uma interessante conexão com Deuteronômio 6:4 e 5: (1) “Ame o Senhor, seu Deus, de todo o seu coração” (v. 30). Isso é mordomia; (2) “Ame o seu próximo como você ama a si mesmo” (Mc 12:31). Isso é missão.

Marcos 10:21, 22. Quando o jovem rico perguntou a Jesus: “Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?” (v. 17), a resposta do Mestre foi um eco de Deuteronômio 6:4: “Ninguém é bom, a não ser um, que é Deus” (Mc 10:18). A evidência de que o jovem rico não amava a Deus de todo o coração é que ele não estava disposto a sacrificar suas posses (v. 21, 22). Quanto bem ele teria feito aos pobres ao seu redor se tivesse um coração desprendido!

João 3:16, 17. A linguagem bíblica é de doação.³ Esse texto célebre afirma que Deus entregou Seu Filho unigênito por amor. Com esse ato, Ele tinha um propósito missionário. Enquanto João 3:16 afirma que Deus amou o mundo a ponto de dar Seu único Filho, João 3:17 diz que Deus enviou Seu Filho para salvar o mundo. O Deus que amou é o mesmo que enviou. Enquanto João 3:16 fala da essência da mordomia (amor e doação), João 3:17 fala da essência da missão (salvação). Para salvar, primeiro Deus deu Seu Filho *para que* os que cressem Nele não pudessem e *para que* “o mundo fosse salvo por Ele” (Jo 3:17). Portanto, o propósito da mordomia é cumprir a missão. Ao comentar esse texto, Ellen White escreveu: “Demonstrarão vocês, por meio de suas dádivas e ofertas, que não consideram coisa alguma boa demais para entregar Àquele ‘que deu o Seu Filho unigênito’ (Jo 3:16)?”⁴

1 João 3:16. Enquanto em João 3:16 Deus é o ofertante e Jesus é oferta, em 1 João 3:16 Jesus é o ofertante e Sua vida é a oferta. Em ambos os textos, o propósito da “oferta” é a salvação. Esse conceito é expresso na exortação: “Devemos dar a nossa vida pelos irmãos” (1Jo 3:16). Cristo entregou Sua vida para que sigamos Seu exemplo missionário. Ele deu o exemplo não apenas para ser admirado, mas sobretudo para ser imitado.

2 Coríntios 8:9. Paulo condensou nessa passagem o mesmo pensamento descrito em Filipenses 2:5-11. Ele escreveu sobre a encarnação e o ministério de Jesus usando a linguagem do mundo financeiro. A ação de Jesus nesse texto é exatamente inversa àquela do jovem rico. Se o jovem rico tivesse vendido todos os seus bens para dar aos pobres (Mc 10:21), ele próprio teria se tornado pobre. Em contrapartida, Jesus, sendo rico, tornou-se pobre. Ele renunciou os tesouros e a glória celestial porque tinha um objetivo claro em mente: “*Para que*, por meio da pobreza Dele, vocês se tornassem ricos.” A riqueza que Cristo nos oferece é a oportunidade de salvação (1Co 1:4, 5).⁵

O princípio expresso nas passagens acima pode ser encontrado em outros textos da Bíblia. Em Marcos 10:29, por exemplo, o verdadeiro discípulo é descrito como aquele que está disposto a renunciar tudo por amor a Cristo e pela proclamação do evangelho. Em Filipenses 3:7 e 8, Paulo demonstra que compreendeu isso ao dizer: “Mas o que para mim era *lucro*, isto considere *perda* por causa de Cristo. [...] Por causa Dele *perdi todas as coisas* e as considero como lixo.” Ele investiu todo o seu conhecimento e tudo que tinha na proclamação do evangelho. Em Filipenses 2:17 e 2 Timóteo 4:6, o apóstolo Paulo usou uma linguagem sacrificial ao se referir tanto à sua ação missionária em Filipos quanto à sua morte iminente. Ele buscou imitar o exemplo de Cristo e apelou para que seus ouvintes fizessem o mesmo (1Co 11:1; cf. Rm 12:1). Paulo não considerava que suas posses lhe pertenciam. Esse pensamento

foi transmitido aos recém-conversos de tal modo que “ninguém considerava exclusivamente sua nem uma das coisas que possuía” (At 4:32). Todos eles tinham consciência de que havia uma missão a patrocinar. Portanto, a mordomia deve estar a serviço da missão.

Lucas e Atos

De fato, mordomia não é sobre dinheiro. Essa é uma visão muito limitada do que é mordomia. Se uma pessoa pensa que tudo que Deus espera dela são dez por cento de sua renda e outro percentual voluntariamente definido em forma de oferta, ela verdadeiramente não entendeu o que é mordomia. Mordomia cristã é algo muito mais radical: é a entrega completa de si mesmo a Deus. É amar a Deus de todo o coração, a ponto de não considerar nada demasiadamente caro (tempo, talentos, bens, etc.) para depor no altar do sacrifício. Porém, uma vez que o dinheiro vem como resultado do tempo, da saúde e dos talentos que investimos em nossas atividades remuneradas, entregá-lo na forma de dízimos e ofertas representa a entrega de nossa própria vida a Deus. Por essa razão, falar de dinheiro é uma das tarefas mais espirituais que podemos realizar em nossas igrejas. Não é de surpreender que Jesus e os apóstolos tenham falado tanto sobre os bens materiais.

Entre os escritores do Novo Testamento, Lucas se destaca como o autor que mais utilizou termos do mundo financeiro e monetário.⁶ Várias parábolas de Jesus contadas no evangelho de Lucas abordam a questão do uso do dinheiro. Klyne Snodgrass comenta que, em maior ou menor grau, todas as parábolas de Jesus são sobre discipulado.⁷ Algumas delas incluem uma discussão sobre o uso das posses materiais porque “a primeira questão do discipulado é o que fazer com o dinheiro”.⁸ Snodgrass acrescenta que “um pastor que se abstém de pregar sobre mordomia cristã está enfraquecendo o ensino de Jesus. [...] Decisões econômicas não são

fáceis, mas a igreja deve não apenas liderar o caminho, mas demonstrar pelo uso do dinheiro a realidade do evangelho”.⁹

O interesse de Lucas em abordar questões financeiras em seu evangelho se justifica pelo fato de que seu segundo volume (Atos) deixará claro que existe uma obra missionária a ser patrocinada. Em Lucas 10 a 18, ele reuniu um grupo de sete parábolas contadas por Jesus com o intuito de persuadir os ricos a se arrependem de sua cobiça e avareza. São elas: do bom samaritano (10:30-35); do rico insensato (12:16-20); da grande ceia (14:16-24); do filho pródigo (15:11-32); do mordomo infiel (16:1-8); do rico e o mendigo (16:19-31); e do fariseu e o publicano (18:10-14).¹⁰ A parábola do bom samaritano mostra que “próximo” é aquele que está disposto a desembolsar dinheiro em favor dos outros. As parábolas do rico insensato e da grande ceia evidenciam que a preocupação excessiva com coisas imediatas leva ao perigo de perder de vista as coisas eternas. A parábola do filho pródigo é um alerta contra o consumismo e o gasto desordenado de dinheiro, atitudes que levam à ruína financeira e à miséria. As parábolas do mordomo infiel e do rico e o mendigo trazem à superfície a ideia de que a maneira como usamos os recursos financeiros revela o nosso caráter e demonstra se estamos nos preparando devidamente para a vida eterna. Finalmente, a parábola do fariseu e o publicano nos ensina que não importa quanto dízimo e ofertas depositemos na tesouraria da igreja, nossa fidelidade financeira não nos recomenda diante de Deus. Obviamente, isso não significa que Deus desvaloriza o ato de devolvermos os dízimos e as ofertas, mas que Ele atenta mais para a motivação do que para o ato em si.

A grosso modo, esse grupo de parábolas transmite quatro ensinamentos básicos: 1. A vida não consiste dos bens que possuímos (Lc 12:15). A vida – a maior posse que temos – é uma dádiva divina; 2. O apego ao dinheiro é condenado como idolatria (Lc 16:31); 3. O uso de nossos bens deve

ser norteados pelos valores do Reino e isso é um teste de discipulado; 4. Jesus nunca condenou o dinheiro em si, mas o apego a ele.

Conclusão

Deus confiou à igreja a responsabilidade de gerir os recursos para o cumprimento da missão de proclamar a mensagem de salvação ao mundo. Como escreveu Christopher Wright: “Não é tanto que Deus tem uma missão para Sua igreja no mundo, mas que Deus tem uma igreja para Sua missão no mundo. A missão não foi feita para a igreja; a igreja foi feita para a missão – a missão de Deus.”¹¹ Para o cumprimento dessa missão, são necessários recursos humanos e materiais: tempo, talentos, saúde, relacionamentos, bens, etc. Várias vezes em seus escritos, Ellen White também demonstrou sua visão de que mordomia e missão são indissociáveis. Ela enfatizou que, “se aqueles a quem o dinheiro de Deus foi confiado forem fiéis em trazer à tesouraria do Senhor os meios a eles emprestados, Seu trabalho experimentará rápido avanço. Muitas pessoas serão trazidas à causa da verdade, e o dia da vinda de Cristo será apressado”.¹² Ela também escreveu: “Dinheiro, tempo, influência – todos os dons que receberam das mãos de Deus – só serão por eles apreciados quando usados como meio de fazer avançar a obra evangélica.”¹³ Deus espera que sejamos mordomos fiéis e missionários zelosos. Nossa vida como um todo – o que temos e o que somos – deve ser usado para o avanço do reino de Deus. **IV**

Referências

- Adenilton T. Aguiar, “Mordomia e Missão: Uma Visão Cristocêntrica”, em *Práxis Teológica* 18 (2022), p. 1557.
- Adenilton T. Aguiar, “‘You Must Prophesy Again’: The Mission of God’s People in Revelation 10–14” (tese de doutorado, Andrews University, 2022), p. 73, 74.
- Adenilton T. Aguiar, *A Entrega Perfeita: Lições da Fidelidade de Cristo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2019), p. 24–36.
- Ellen G. White, *Conselhos Sobre Mordomia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 15.

⁵ David E. Garland, *The New American Commentary - 2 Corinthians: An Exegetical and Theological Exposition of Holy Scripture* (Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1999), v. 29, p. 378.

⁶ A ocorrência desses termos em Lucas (evangelho e Atos) representa basicamente o dobro em relação a Paulo (sem contar Hebreus), o triplo em relação a João (evangelho, cartas e Apocalipse) e praticamente empata com os evangelhos de Mateus, Marcos e João juntos. Porém, enquanto Lucas e Atos têm 52 capítulos, Mateus, Marcos e João têm juntos 65 capítulos. A lista de termos financeiros e monetários usados por Lucas inclui, mas não se limita a, *chrema* (dinheiro), *argyriou* (prata), *chrysos* (ouro), *denarion* (denário), *drachme* (dracma), *assarion* (asse), *lepton* (pequena moeda), *mna* (mina), *plouteo* (tornar-se rico), *plousios* (rico), *ploutos* (riqueza), *euporia* (prosperidade), *mamonas* (riqueza), *hysterema* (pobreza), *penichros* (pobre), *endees* (necessitado), *ptochos* (pobre), *ktaomai* (adquirir), *peripoieo* (comprar), *prasso* (cobrar), *poleo* (vender), *piprasko* (vender), *agorazo* (comprar), *oneomai* (comprar), *prosdapanao* (gastar), *apodidomi* (pagar), *kerdaino* (receber salário), *prosergazomai* (ter rendimento), *ta agatha* (bens), *ta hyparchonta* (bens), *bios* (bens), *ergasia* (lucro), *pragmateuomai* (negociar), *diapragmateuomai* (ter rendimento de investimentos), *ergazomai* (trabalhar), *meros* (parte de uma herança; ou profissão), *porfyropolis* (vendedor), *agora* (mercado público), *daneizo* (emprestar dinheiro), *danistes* (credor), *tokos* (juro), *trapeza* (banco), *didomi* (depositar), *airo* (sacar), etc. Alguns desses termos são usados apenas por Lucas: *mna*, *euporia*, *penichros*, *endees*, *oneomai*, *prosdapanao*, *prosergazomai*, *pragmateuomai*, *diapragmateuomai*, *porfyropolis*, *danistes*.

⁷ Klyne R. Snodgrass, *Stories with Intent: A Comprehensive Guide to the Parables of Jesus* (Grand Rapids, MI; Cambridge, UK: William B. Eerdmans Publishing Company, 2008), p. 327.

⁸ Snodgrass, *Stories with Intent: A Comprehensive Guide to the Parables of Jesus*, p. 389. Snodgrass comenta que quase todos os capítulos de Lucas e Atos têm algo a dizer sobre recursos materiais.

⁹ Snodgrass, *Stories with Intent: A Comprehensive Guide to the Parables of Jesus*, p. 418.

¹⁰ John A. Szulkalski, *Tormented in Hades: The Rich man and Lazarus (Lk 16:19–31) and other Lukan Parables for Persuading the Rich to Repentance* (Eugene: Wipf and Stock: 2013).

¹¹ Christopher J. H. Wright, *The Mission of God: Unlocking the Bible’s Grand Narrative* (Downers Grove, IL: IVP Academic: An Imprint of InterVarsity Press, 2006), p. 62.

¹² Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), v. 9, p. 48.

¹³ Ellen G. White, *E Recebereis Poder* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1999), p. 335.

ADENILTON AGUIAR
professor de Teologia na
Faculdade Adventista da
Bahia



PAI PRESENTE

Como fazer a
diferença na vida
dos filhos

Renato Seixas





Era domingo, 14 de dezembro de 2014. Após realizar uma cerimônia de organização de igreja em Tomé-Açú, Pará, voltei para Belém. No percurso, capotei o carro entre as cidades de Concórdia do Pará e Acará. O veículo deu várias cambalhotas por mais de 70 metros, ficando totalmente destruído. Saí do carro sem nenhum arranhão, mas com muita tontura, e caminhei até a beira do asfalto, onde me sentei. Olhando para o carro destruído, veio à minha mente um misto de gratidão e desespero. Afinal, eu poderia estar dentro daquele carro, sem vida.

Naquele dia, eu havia passado a manhã inteira palestrando em um encontro de casais. Após o almoço, deixei minha esposa em casa e viajei para Tomé-Açú. Agora estava ali, desolado e confuso, lembrando que naquele dia eu não havia conversado com meus filhos ou sequer enviado uma mensagem para eles. Olhando para o carro, pensei: “E se eu não tivesse escapado com vida, que legado deixaria para meus filhos? Que lembranças teriam de mim?”

A partir daquele dia, decidi ser um pai mais presente, mesmo distante deles (nossos filhos não moram mais conosco). Reafirmei meu compromisso de ser fiel ao chamado que Deus me confiou, conciliando ministério e família. Talvez esse seja o desafio de muitos colegas: equilibrar as demandas do ministério com as responsabilidades da paternidade. Resolvi, então, compartilhar minha história com você e apresentar alguns conceitos que acredito serem importantes.

Não quero de forma alguma me apresentar como um pai modelo, porque realmente não sou. Tampouco tenho a intenção de esgotar o tema ou a pretensão de ter todas as respostas para um assunto tão amplo e complexo. No entanto, quero lembrar que há uma conexão entre o Pai do Céu e nós, pais terrestres, e essa conexão precisa ser real, forte e evidente, pois é a chave do êxito na paternidade e no ministério.

A bênção da paternidade

A família foi planejada e instituída por Deus. A ordem para deixar pai e mãe e se unir à sua mulher, “tornando-se os dois uma só carne” (Gn 2:24), foi dada pelo Criador após declarar

que “não é bom que o homem esteja só” (v. 18). Ellen White afirmou que a família foi designada para “ser uma bênção à humanidade”.¹

A solidão do homem não seria resolvida somente com a companheira idônea e auxiliadora. Logo após a bênção do primeiro casamento, a orientação divina foi: “Sejam fecundos, multipliquem-se, encham a terra” (Gn 1:28). Deus completou a criação permitindo que o ser humano procriasse. A paternidade também é uma bênção, pois, em um “lar embelezado pelo amor, pela compreensão e a ternura [...], as crianças aprenderão a amar tanto seus pais terrestres quanto seu Pai celestial”.²

Ser pai é ser um representante de Deus na Terra. Esse é o trabalho mais relevante, gratificante e, ao mesmo tempo, desafiador que existe. Afinal, quem fez curso preparatório para ser pai? Não há universidade na qual se é diplomado, licenciado ou habilitado para exercer a paternidade. Mesmo que alguém faça um planejamento prévio, leia bons livros e escute conselhos dos mais experientes, deve saber que o aprendizado acontecerá na prática, acertando e errando – por vezes, mais erros do que acertos. Certamente, cada filho ensinará muitas lições ao longo da vida.

Diante disso, é fundamental que os pais eduquem seus filhos no caminho em que devem andar (Pv 22:6), porque vivemos em um tempo complexo e desafiador.

Problemas e desafios

De acordo com Josh McDowell, alguns dados revelam uma realidade diária assustadora nos Estados Unidos:³

- Mil adolescentes se tornam mães solteiras.
- 1.106 adolescentes fazem aborto.
- 4.219 jovens contraem doenças sexualmente transmissíveis.
- 500 adolescentes passam a usar drogas.
- 135 mil crianças usam armas na escola.
- 3.610 adolescentes são agredidos.
- Seis adolescentes cometem suicídio.

Essas informações revelam a parcela de culpa de uma paternidade deficiente no processo de formação do caráter dos filhos. Se já não fosse uma tragédia por si só, a pandemia agravou ainda mais essa situação. Em 2020,

primeiro ano da pandemia, foram contabilizadas 95.252 denúncias de maus-tratos contra crianças e adolescentes no Brasil. A “obrigação” de se estar no mesmo ambiente promoveu uma convivência mais próxima entre pais e filhos, o que gerou mais violência e adoecimento emocional.⁴

Além dessa presença negativa de muitos pais, há outro problema equivalente: a ausência deles. Segundo o doutor Loren Mosher, do Instituto Nacional de Saúde Mental, nos Estados Unidos, “a ausência do pai é um fator mais forte do que a pobreza no favorecimento da delinquência juvenil”⁵. Os professores Gary Painter e David Levine acrescentam que “os jovens que moram apenas com a mãe têm uma probabilidade maior (cerca de duas vezes mais) de ser presos, de engravidar e de abandonar a escola”⁶.

De acordo ainda com a pesquisa feita pelo doutor Armand Nicholi, “um pai ausente emocional ou fisicamente pode causar na criança e no adolescente diversos comportamentos negativos, como baixa autoestima, pouca motivação para progredir, incapacidade para adiar a gratificação imediata em troca de recompensas posteriores, suscetibilidade à influência do grupo e até delinquência juvenil”⁷.

Essa realidade também afeta os lares que professam a fé cristã. Em sua pesquisa com 3.795 adolescentes evangélicos, o doutor Josh McDowell descobriu resultados surpreendentes e reveladores:⁸

- 82% frequentam semanalmente a igreja.
- 86% afirmaram ter assumido um compromisso com Cristo.
- 54% raramente ou nunca conversam com os pais.
- 25% nunca tiveram uma conversa significativa com o pai.
- 42% raramente fazem algo especial a sós com o pai.
- 25% disseram que o pai raramente ou nunca demonstrava amor por eles.

Por que os dados acima são tão alarmantes? Onde está o pai cristão? Quando o pai é presente, cumpre sua função e

exerce a autoridade dada por Deus, os filhos têm maior chance de ser felizes e de se realizar física, emocional e espiritualmente. Podemos afirmar, portanto, que ser pai é ser presente.

Pai presente

Na Bíblia, Deus é a primeira referência de pai. Ele provê todas as coisas boas a Seus filhos, especialmente a Sua presença. Gostaria de destacar algumas qualidades inerentes em Deus, o Pai de amor, e incentivá-lo a imitar as qualidades desse Pai presente, o fiel exemplo para nós.

1. Ame incondicionalmente. “Deus é amor” (1Jo 4:8), escreveu João, o discípulo amado. No mesmo capítulo, ele mencionou: “Nós amamos porque Ele nos amou primeiro” (1Jo 4:19). O amor é o ponto de partida. É interessante perceber que, para Deus, não importa o que fizemos ou como estamos, Ele simplesmente nos ama. A cruz é a confirmação desse amor incondicional. Ele jamais desistirá de nos amar, porque foi o amor que moveu o coração do Filho para morrer por nós enquanto ainda éramos pecadores (Rm 5:8). Esse é o exemplo de amor perfeito, constante e incondicional que nós, pais, precisamos seguir. Nossos filhos precisam sentir que são amados. Mas isso só acontecerá quando, aos pés do Salvador, também nos tornarmos filhos.

Não há aprendizado mais importante para um pai do que permitir ser transformado pelo amor incondicional de Deus. Quando a comunicação flui naturalmente no cotidiano com os filhos, estaremos comunicando o amor do Pai. Nascerá, então, a confiança, a segurança e um relacionamento mais forte e maduro entre nós e nossos filhos.

2. Seja afetuoso. Existem várias formas de demonstrar amor, e uma delas é atendendo às necessidades dos filhos. Eles têm carências afetivas que precisam ser preenchidas com amor e atenção. Entendo que muitos pais sentem dificuldade

e até acham desnecessário, mas há um poder imenso em um simples abraço ou beijo, em palavras carinhosas, no olhar amoroso. Isso se aplica a filhos e filhas. Não somente abraçe, beije e verbalize seu amor por seus filhos, mas permita também que eles vejam suas demonstrações de afeto por sua esposa. O que os filhos veem no lar, fica para sempre gravado na memória.

No livro *The Total Man* (O Homem Total), Dan Benson relembra bons momentos de sua infância: “Nunca me esquecerei dos abraços familiares que em geral aconteciam em nossa cozinha durante minha infância. Quando estava aprendendo a andar, entrava na cozinha e via meu pai abraçar a minha mãe (o que não era uma visão rara em nossa casa). Isso me fazia sentir bem por dentro. Era tão bom que eu não podia resistir e me juntava a eles [...]. Eu corria pelo piso da cozinha e abraçava as pernas deles. Meus pais fizeram de nossa casa um lar amoroso, mais pelo exemplo do que pelas palavras.”⁹

Acredito que era exatamente isso que Ellen White estava nos ensinando quando afirmou: “O lar embelezado pelo amor, pela compreensão e a ternura é um lugar que os anjos gostam de visitar e onde Deus é glorificado. A influência de um lar cristão cuidadosamente protegido nos anos da infância e da juventude é a mais segura proteção contra as corrupções do mundo. Na atmosfera de um lar assim, as crianças aprenderão a amar tanto seus pais terrestres quanto seu Pai celestial.”¹⁰

3. Valorize a singularidade. Jamais compare um filho com outro ou com os amigos dele. Comparações geram pensamentos negativos, trazem desconforto e podem deixar marcas ruins que se intensificarão na idade adulta. Cada pessoa é única, importante, criada à imagem de Deus. Portanto, elogie o que seu filho fez de bom, avalie juntos o que não tem sido tão bom e cresça no relacionamento com ele.

Josh McDowell sugeriu: “Se você começar a estudar seus próprios filhos,

descobrirá muitas maneiras em que cada um é único: uma risada contagiante, a habilidade para fazer amigos, o espírito compassivo, a voz afinada, um sorriso radiante, amor pelos animais. Não deixe de comunicar de modo positivo as glórias e a magia dessa singularidade em seu filho.”¹¹

4. Reafirme o valor pessoal. Ajude seu filho a acreditar em si mesmo. Isso diminuirá a ansiedade, o estresse e até um possível estado depressivo. Ressalte as qualidades dele, bem como as habilidades, as características físicas e as virtudes. Dê foco nas ações dele em benefício de outros. Assim construirá um indivíduo altruísta e valioso aos olhos da sociedade. A relação entre pai e filho(a) precisa ser alegre, positiva e encorajadora, mesmo que em alguns momentos seja necessário aplicar uma disciplina.

Ellen White advertiu: “Muitos filhos, por falta de palavras de ânimo e um pouco de assistência em seus esforços, ficam desanimados e mudam de uma coisa para outra, e levam consigo esse triste defeito na vida adulta. Não conseguem ser bem-sucedidos nas coisas em que se empenham, pois não foram ensinados a perseverar sob circunstâncias desanimadoras.”¹²

5. Proporcione senso de pertencimento. Quando um pai compreende que pertence a Deus, sabe conduzir seus filhos à mesma postura. O pai é o representante de Deus no lar e precisa conectar seus filhos ao Pai do Céu. Se forem criados com uma boa relação afetiva, os filhos se sentirão à vontade para dar opiniões, falar o que pensam de modo respeitoso e também saberão onde procurar ajuda quando precisarem. O tempo de educação deve ser gasto para disciplinar os filhos, dando-lhes o senso de pertencimento ao lugar onde vivem. Existem muitos lugares onde podem encontrar um ombro amigo, sentimentos de aconchego, afetos e abraços. Porém, se os filhos entenderem que não há lugar melhor para se esconder do que ao lado daqueles que lhes deram a vida, não haverá sensação melhor.

Ellen White escreveu: “Sobrecarregadas com muitas tarefas, as mães sentem que não podem, às vezes, dedicar tempo para instruir seus pequenos e dedicar-lhes amor e compreensão. Que elas se lembrem, no entanto, de que, se os filhos não encontram nos pais e no lar aquilo que satisfaz sua necessidade de afeto e companheirismo, eles se voltarão para outras fontes, onde tanto a mente como o caráter estarão em perigo.”¹³

6. Acredite mais no valor que no desempenho. O amor não pode estar atrelado ao desempenho do filho – se ficou com a medalha de ouro ou se chegou em último lugar, por exemplo. Fundamental o amor no valor que você dá ao que o filho é e não ao que ele faz é divino. Deus dá a todos capacidades e aptidões diversas, as quais devem ser desenvolvidas com sentimento de submissão ao Criador. O filho ensinado a permitir a ação de Deus em sua vida cresce confiante em suas realizações, sempre reconhecendo que o talento e a força não vêm dele, mas de Deus. Enfim, crê no valor pessoal como dom divino. Ellen White afirmou: “O Senhor deseja que Seus obreiros olhem para Ele como o Doador de tudo o que possuem, que se lembrem de que tudo o que têm e são vem Daquele cujos conselhos são admiráveis e cujas obras são extraordinárias.”¹⁴

7. Encoraje o sentimento de competência. Muitas vezes observamos o desenvolvimento dos nossos filhos e nos surpreendemos com o que eles foram capazes de fazer. Nessas horas, o reconhecimento é fundamental. Filhos precisam de incentivo para sobreviver na sociedade em que vivemos.

Quem dá competência aos nossos filhos é Deus (Dt 8:17, 18). Portanto, é fundamental ser colaborador Dele. Os filhos podem se desanimar com frequência, mas pais sábios falarão palavras de ânimo e coragem que os incentivarão a tentar de novo e seguir em frente. Quando olharem para trás e verem do que foram capazes, os filhos

terão forças para a próxima tarefa. “Cultivar o senso de competência em nossos filhos é um esforço constante, que exige muita reflexão e planejamento.”¹⁵

O essencial é manter uma boa e saudável relação entre pai e filho. Você, pai, deve estar conectado a Deus, dependendo em todo o tempo do Espírito Santo, e também conectado a seu filho, levando-o a se relacionar com o Pai do Céu. Isso fará de você o pai que os filhos esperam e o pai que Deus deseja que você seja. **M**

Referências

- 1 Ellen G. White, *O Lar Adventista* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 14.
- 2 White, *O Lar Adventista*, p. 15.
- 3 Josh McDowell, *Pais & Filhos: a Relação que Faz Diferença* (Catanduva, SP: Editora Candeia, 1999), p. 3.
- 4 Bruna Lima, Maria E. Cardim, “Perigo em Casa”, *Correio Braziliense* 21.147 (2021), p. 5, disponível em <link.cpb.com.br/4b373c>, acesso em 10/5/2023.
- 5 Loren R. Mosher, “Father Absence and Antisocial Behavior in Negro and White Males”, *International Journal of Child & Adolescent Psychiatry* 36 (1969), p. 186-202.
- 6 Gary Painter e David Levine, “Family Structure and Youths’ Outcomes: Which Correlations are Causal?”, *The Journal of Human Resources* 35 (2000), p. 524.
- 7 Armand Nicholi, “Changes in the American Family”, *White House Paper* (1984), p. 7-9, citado por Meibel M. Guedes, *Ser Pai é Ser Presente* (Curitiba, PR: M. M. Guedes & CIA, 2011), p. 22.
- 8 Josh McDowell, *Conexão Com o Pai: Como Fazer Diferença na Autoestima e no Senso de Propósito do Seu Filho* (São Paulo: Hagnos, 2015), p. 13.
- 9 Dan Benson, *The Total Man* (Illinois: Tyndale House Pub, 1980), p. 181, 182.
- 10 White, *O Lar Adventista*, p. 15.
- 11 McDowell, *Pais & Filhos: a Relação que Faz Diferença*, p. 24.
- 12 Ellen G. White, *Orientação da Criança* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 88.
- 13 Ellen G. White, *Fundamentos do Lar Cristão* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006) p. 81.
- 14 Ellen G. White, *Conselhos Sobre Mordomia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 80.
- 15 McDowell, *Pais & Filhos: a Relação que Faz Diferença*, p. 28.

RENATO SEIXAS

Líder de mordomia na Associação Norte de Rondônia e Acre



LIBERDADE RELIGIOSA

Quando alguém recebe o chamado para se tornar um pastor, sente no coração um forte desejo de alcançar o maior número possível de pessoas para Cristo. Em meio a essa e tantas outras demandas do ministério, alguns têm considerado o assunto de liberdade religiosa algo secundário, sem muita relevância, a ponto de nem sequer escolher um diretor de Liberdade Religiosa para suas igrejas locais. Há ainda aqueles que não têm consciência do valor do direito humano inerente à liberdade religiosa, que é necessariamente uma questão ligada à dignidade e à liberdade individual. Como podemos mudar essa realidade?

De acordo com o Relatório Mundial sobre a Liberdade Religiosa, a população mundial está sofrendo cada vez mais violações do seu direito à liberdade de culto. Sessenta e sete por cento da população do planeta vive em países onde são perpetrados ataques graves a esse direito fundamental.¹ De acordo com Markus Gröbel, comissário do governo alemão para a liberdade religiosa, “três em cada quatro pessoas em todo o mundo vivem em um país que restringe a sua liberdade de religião ou crença”.²

Em nosso contexto, um pastor não está limitado no exercício do seu culto, podendo ou não realizar tarefas porque a

sua consciência assim a dita. Mas essa não é a mesma realidade para muitos membros da igreja. Existem jovens que lutam pelo direito de guardar o sábado do pôr do sol de sexta ao pôr do sol de sábado; outros lutam por razões de consciência para não participar de atividades de dança, de juramento de fidelidade, entre outras. Há também adultos de nossas igrejas que lidam com a decisão de trabalhar ou não no sábado a fim de levar o pão para casa. Como podemos ajudá-los?

1

Ações do pastor

Em primeiro lugar, é essencial fomentar uma cultura de respeito e tolerância dentro da congregação. Isso pode ser conseguido promovendo ativamente a aceitação da diversidade e a compreensão mútua, e desencorajando qualquer forma de discriminação ou preconceito baseado em crenças religiosas. Os pastores, como líderes espirituais, devem dar o exemplo a esse respeito.

Além disso, é importante tornar visível e compreender o conceito de liberdade religiosa. Esta implica não só o direito de praticar a sua própria fé, mas também o direito de não ser coagido nas suas

crenças religiosas e até o direito de mudar de religião. Os sermões, o momento da Escola Sabatina e os debates em grupo podem ser plataformas eficazes para ensinar essas questões.

Os pastores adventistas podem desempenhar um papel na defesa da liberdade religiosa a nível local, nacional e internacional. Isso pode incluir a interação com legisladores e funcionários governamentais, bem como a colaboração com organizações de direitos humanos e de liberdade religiosa. Os pastores devem usar sua influência para defender leis que protejam a liberdade religiosa e podem ajudar a garantir que os casos de violação desse direito sejam devidamente abordados e resolvidos.

2

Protocolo de cuidados

Sem dúvida, a dependência de Deus será sempre a fonte para a ação. Além disso, é necessário buscar conselhos de pessoas mais experientes na área, como advogados e pastores departamentais de liberdade religiosa, sejam eles de Missões, Associações, Uniões ou mesmo da própria Divisão. A seguir estão outras dicas de como podemos atender às nossas igrejas:



- O diálogo não deve ser confrontacional, mas deve sempre procurar uma acomodação ou um ajuste razoável. Uma boa conversa é uma ferramenta que resolve a maioria das dificuldades. Esse diálogo pode ou não ser acompanhado pelo pastor.

- Em casos que envolvam a perda da liberdade religiosa, podemos utilizar uma carta, sem ser conflituosa, exprimindo claramente o motivo e o pedido, indicando uma adaptação razoável. A carta é assinada pela parte lesada. Se a pessoa for menor de idade, o pedido poderá ser expresso pelo representante, e não precisa ser necessariamente assinado pelo pastor ou por um advogado. Esse passo tem como objetivo resolver formalmente o problema, mas é também um meio de provar que fizemos os melhores esforços para resolver o caso.

- Em casos difíceis, é importante se dirigir aos órgãos estatais que protegem os direitos humanos. A liberdade religiosa é um direito humano, garantido em nossas constituições, e nossos países são signatários de convenções que garantem esse direito. Ir aos órgãos governamentais é um passo importante. O pastor da igreja local e o advogado do Campo podem acompanhar o membro prejudicado nesse processo.

- Se os passos anteriores não tiverem resultado, é perfeitamente possível reclamar em tribunal a proteção do direito humano à liberdade religiosa. Nesse sentido, é muito importante também ter o apoio dos advogados que trabalham para a igreja.

3

A questão do sábado

Para os adventistas, a doutrina do sábado é muito importante em relação à liberdade religiosa. A situação é uma oportunidade para testemunhar a outras pessoas a respeito dessa verdade e nos permite também fazer um exercício de fidelidade. Afinal, alguns perdem um ano de estudo, um emprego ou uma carreira profissional. Porém, no futuro, todos os guardadores do sábado perderão sua liberdade e outros direitos humanos importantes. Atualmente, uma em cada quatro pessoas tem liberdade religiosa. Em breve isso acabará para sempre. É tempo, sem dúvida, de aprendermos a caminhar pela fé, enfrentando o que nos espera, guardados pela companhia segura do Anjo do Senhor.

Finalmente, é essencial que os pastores adventistas demonstrem solidariedade com aqueles que enfrentam perseguição ou discriminação por causa de suas crenças

religiosas, sejam adventistas ou não. Isso pode incluir oração e apoio espiritual, bem como ajuda prática e apoio na defesa de seus direitos. Ao mostrar solidariedade com os perseguidos, os pastores podem fortalecer o compromisso da igreja com a liberdade religiosa.

Poder pregar livremente sobre a graça de Jesus é um presente imensurável. Infelizmente, muitos de nossos irmãos não possuem consciência disso. Quando foi a última vez que, em sua igreja, você agradeceu a Deus a liberdade religiosa ou pregou sobre ela? Você já contactou as autoridades públicas de sua localidade para agradecer o direito humano de liberdade de culto? Pense nisso! **M**

Referências

¹“En Uno de Cada Tres Países del Mundo se Producen Graves Violaciones de la Libertad Religiosa”, *Ayuda a la Iglesia Necesitada*, disponível em <link.cpb.com.br/78bf71>, acesso em 29/5/2023.

²Christoph Strack, “La Libertad de Religión Está Bajo Presión en Todo el Mundo”, disponível em <link.cpb.com.br/92233a>, acesso em 29/5/2023.

FERNANDO MUÑOZ

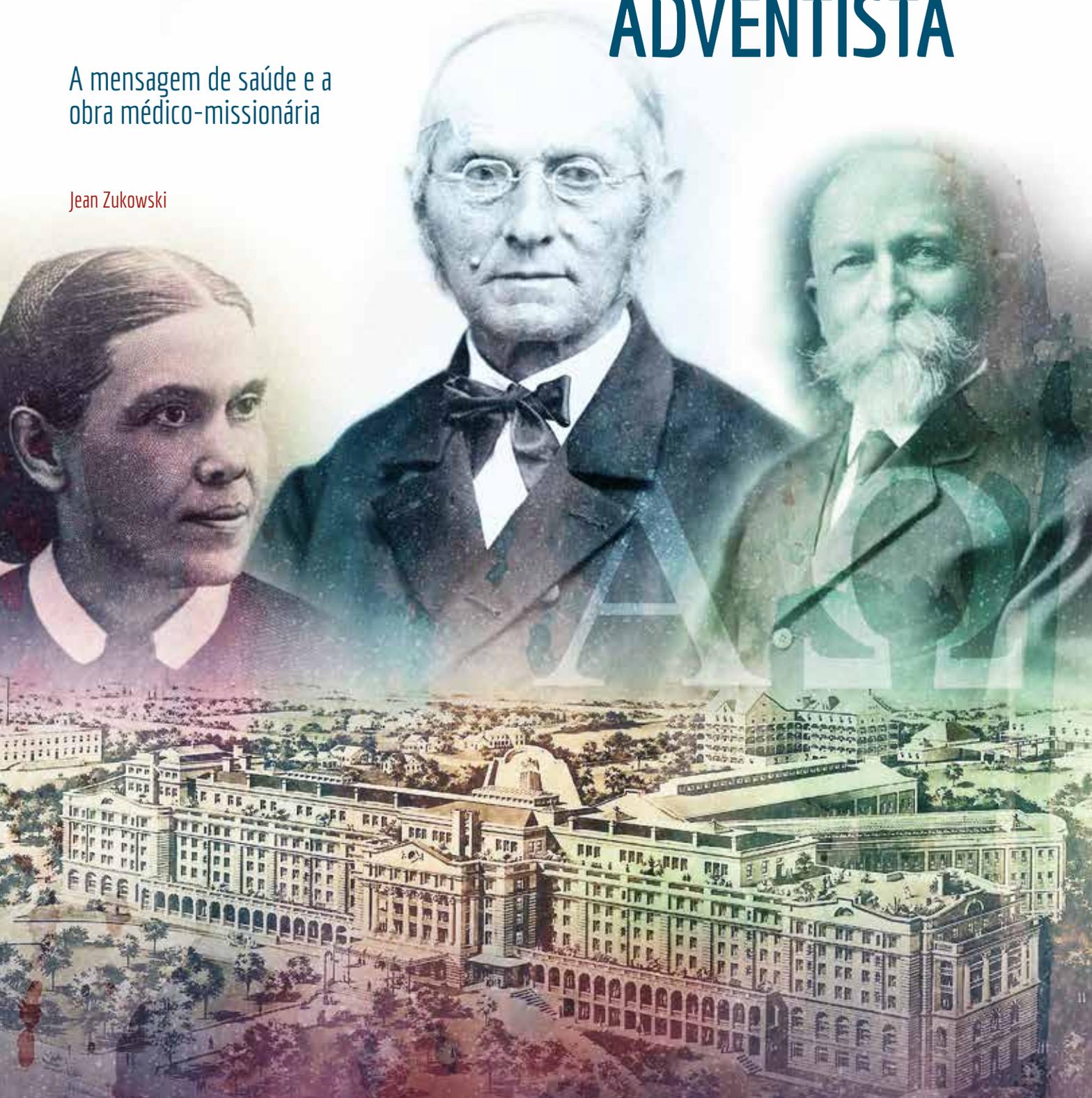
advogado e diretor de
Liberdade Religiosa da
União Equatoriana



ESTILO DE VIDA ADVENTISTA

A mensagem de saúde e a obra médico-missionária

Jean Zukowski



Um estudo publicado na revista *Cancer* em 2020 mostrou que, comparados com o restante da população norte-americana, os adventistas do sétimo dia têm um índice menor de mortalidade de câncer e de todos os outros tipos de doenças.¹ Historicamente, a Igreja Adventista do Sétimo Dia é conhecida no mundo por sua preocupação com a área da saúde, e vários estudos têm demonstrado como seu estilo de vida tem contribuído para que os adventistas que o seguem tenham menores índices de problemas físicos, emocionais e sociais.²

Olhando para o começo de sua história, entre 1844 e 1863, percebe-se que não havia uma condição melhor na expectativa de vida entre os adventistas e a sociedade de seu tempo. Analisando o obituário descrito na *Revista Adventista* da época (1857-1863), nota-se que um pouco mais de um quarto dos adventistas morriam antes dos sete anos de idade, enquanto outro quarto, entre 10 e 29 anos, tinha uma expectativa de vida de aproximadamente 30 anos. Nesse período, a principal causa de morte era de origem pulmonária, bem como tifo, diarreia e outras doenças relacionadas à nutrição e higiene.

Comparando a realidade passada com a atual, o que mudou? Por que os adventistas têm uma expectativa de vida maior e índices menores de doenças? Como foi o desenvolvimento da mensagem de saúde e sua aceitação entre os adventistas do sétimo dia? Qual foi o papel de Ellen White nesse contexto? O objetivo deste artigo é analisar o desenvolvimento histórico da mensagem de saúde na Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Contexto histórico e cultural

As condições higiênicas da população na América do Norte, na primeira metade

do século 19, eram precárias e proporcionavam um terreno fértil para a proliferação de doenças. A maioria dos procedimentos médicos se baseava em pressupostos errôneos com relação à natureza das doenças. Substâncias hoje consideradas nocivas à saúde, como ópio, calomelano e outros estimulantes, eram comumente usadas para tratar doenças.³ Os hábitos nutricionais eram impróprios para o desenvolvimento de uma boa saúde. Na década de 1830, a dieta norte-americana era baseada principalmente em carne, pão branco, bolos, frituras e alimentos gordurosos.

Os problemas de saúde vivenciados pela população americana, aliados a um modo de vida imoral, levaram muitas pessoas a se envolver em terapias naturais e movimentos de reforma no início do século 19. Os movimentos de temperança defendiam fortemente a redução do consumo de álcool. No entanto, as instituições naturopáticas estavam buscando uma reforma de saúde mais ampla. Os principais pontos defendidos por esses reformadores da saúde diziam respeito à reforma da dieta, à ingestão e ao uso externo de água, aos exercícios, ao descanso e à abstenção de bebidas alcoólicas, chá e café.

José Bates

Entre os pioneiros da Igreja Adventista, José Bates foi o primeiro a adotar uma reforma de saúde. Mesmo antes de aceitar o cristianismo, Bates já havia abandonado o álcool e o tabaco. Após sua conversão, ele organizou uma sociedade de temperança em sua congregação local. Na época de sua aposentadoria, ele havia abandonado o chá e o café e feito mudanças em seus hábitos alimentares.

Bates era o mais saudável entre os líderes adventistas sabatistas. Surpreendentemente, ele nunca tentou impor seu estilo de

vida aos outros. Foi somente após as visões de Ellen White que ele começou a defender abertamente a mensagem de saúde.

As visões de Ellen White

Ellen White teve quatro visões específicas sobre a mensagem de saúde. Em suas obras, há muitos outros conceitos importantes sobre o assunto. No entanto, em suas quatro visões, encontra-se o cerne da mensagem adventista sobre saúde.

A primeira visão de Ellen White ocorreu no outono de 1848.⁴ Os pontos principais da visão estavam relacionados aos efeitos prejudiciais do tabaco, do chá e do café. Em sua visão, o anjo disse que o tabaco é um ídolo e que aqueles que não o abandonassem não poderiam ser selados. Nessa visão, foi estabelecida a base para uma teologia escatológica da saúde, ligando espiritualidade, saúde e preparação para a segunda vinda de Cristo.⁵ Embora a visão de Ellen White condenasse claramente o uso do tabaco, relacionando-o à mensagem de selamento, o tabaco ainda foi tolerado até 1853.⁶ Somente em 1855 a igreja tomou um voto e definiu que os membros que não abandonassem esse hábito seriam excluídos.⁷

A segunda visão de Ellen White ocorreu em 12 de fevereiro de 1854.⁸ Nessa visão, ela falou sobre adultério na igreja, falta de limpeza corporal adequada entre os guardadores do sábado, necessidade de controle do apetite, linguagem inadequada (palavrões), negligência dos pais em relação aos filhos e casamentos imprudentes da juventude. É importante notar novamente a conexão apresentada entre saúde e espiritualidade. Um bom cristão é uma pessoa temperante.

A terceira visão de Ellen White sobre a reforma de saúde é a mais extensa. Nela, antigos conceitos foram enfatizados e novos aspectos foram apresentados.

Ellen White recebeu a visão em 6 de junho de 1863, em Otsego, Michigan. Ela foi convidada a liderar um grupo em oração e, enquanto orava, foi levada em visão por 45 minutos.⁹ Sua visão foi direcionada primariamente para a recuperação da saúde de Tiago White, mas também para a igreja em geral.¹⁰ O conteúdo da visão pode ser resumido em dez tópicos:¹¹

Temas da visão	
1	<i>O cuidado com a saúde é um dever religioso.</i> Deus exige que O glorifiquemos com nosso corpo. No entanto, a salvação e a vida eterna não são conquistadas pela reforma de saúde.
2	<i>As doenças são o resultado da violação das leis de saúde.</i>
3	<i>Intemperança.</i> O uso de bebidas estimulantes, tabaco em qualquer forma, alimentos altamente condimentados, a intemperança no trabalho e a indulgência de paixões vulgares são formas de intemperança.
4	<i>Vegetarianismo.</i> Ela ressaltou que a carne de porco deveria ser totalmente abandonada.
5	<i>Hábitos alimentares.</i> Os cristãos devem controlar o apetite, não comendo demais nem comendo entre as refeições.
6	<i>Saúde mental.</i> A visão enfatizava que muitas doenças tinham origem na mente e não eram causadas por fatores orgânicos ou externos.
7	<i>Remédios eficazes de Deus para os seres humanos:</i> ar, água, luz solar, exercícios, descanso e abstinência (jejum). ¹²
8	<i>Higiene pessoal.</i> A limpeza envolvia o corpo, as roupas, a casa e a pureza do coração.
9	<i>Casas.</i> Ao construir uma casa, deve-se levar em conta um terreno alto e a ventilação adequada.
10	<i>É um dever cristão compartilhar esses princípios de saúde com outras pessoas.</i>

Kellogg e o trabalho médico-missionário

Na época da visão de Ellen White sobre a mensagem de saúde, muitos líderes

adventistas do sétimo dia não estavam com boa saúde. Por isso, o assunto foi muito importante para eles. Impulsionados pela relevância da reforma de saúde e seu entendimento como parte da mensagem do terceiro anjo,¹³ os líderes publicaram o *The Health Reformere* construíram o *Instituto Ocidental de Reforma de Saúde*.¹⁴ O médico mais renomado que trabalhou nessa instituição foi John

H. Kellogg. Ele recebeu o apoio de Tiago e Ellen White em seus estudos médicos e também trabalhou como editor do *The Health Reformer*. Quando assumiu o controle do instituto, mudou seu nome para *Battle Creek Sanitarium*.¹⁵

Depois de um início pequeno, o sanatório teve um crescimento tão grande que se tornou o líder mundial em tratamentos naturais e uma fonte de treinamento médico para a Igreja Adventista. Ellen White havia declarado que o ministério adventista deveria combinar o ministério de cura com a pregação do evangelho, como Jesus fazia.¹⁶ Após a inauguração do novo edifício em 1877, o doutor Kellogg e seus associados abriram a Escola de Higiene, que promovia instrução básica sobre nutrição e higiene para qualquer pessoa interessada no trabalho médico e na divulgação do evangelho. Ele também organizou a Associação Americana de Saúde e Temperança que, em seu ponto de vista, deveria ter todos os adventistas do sétimo dia como membros.¹⁷

O doutor Kellogg se tornou um vigoroso defensor da mensagem de saúde. Seu objetivo era preparar todos os obreiros adventistas para que tivessem conhecimento de fisiologia,

nutrição e tratamento simples de doenças por meio do uso de hidroterapia, massagem, exercício e reformas dietéticas.¹⁸

Porém os esforços do doutor Kellogg para a preparação de obreiros médicos missionários ficaram aquém em um importante aspecto, segundo Ellen White. Kellogg enfatizou mais a parte fisiológica e, na maioria das vezes, negligenciou a conexão com a mensagem do terceiro anjo.

Kellogg tinha uma personalidade forte e dificuldade para delegar responsabilidades e ouvir a opinião de outras pessoas. Sua maneira independente de trabalhar e os problemas entre a obra médica e a evangélica resultaram em uma crise na igreja. Além dos problemas administrativos, o doutor Kellogg teve problemas teológicos com a liderança da igreja. Seu livro *The Living Temple* tinha ideias panteístas. Se não fosse pela intervenção de Ellen White, ele teria convencido a liderança a publicar o livro na *Review and Herald* com o objetivo de arrecadar fundos.¹⁹ Os conflitos administrativos e teológicos de Kellogg resultaram em sua separação da igreja.

A apostasia alfa

Comentando sobre a apostasia do doutor Kellogg, Ellen White disse que essa era a apostasia alfa e que, no futuro, viria a apostasia ômega. Ela afirmou: "Fui instruída a falar claramente. [...] 'Enfrente-o com firmeza e sem demora.' Mas não deve ser enfrentado tirando nossas forças de trabalho do campo para investigar doutrinas e pontos de divergência. Não temos essa investigação a fazer. No livro *Living Temple*, o alfa das heresias mortais é apresentado. O ômega virá em seguida e será recebido por aqueles que não estão dispostos a dar atenção ao aviso que Deus deu."²⁰

A história da apostasia de Kellogg fornece as bases para a compreensão das advertências de Ellen White a respeito da apostasia ômega. Alguns pontos na vida e nas suposições teológicas de Kellogg são indicações do que será essa apostasia.

O primeiro ponto enfatizado por Ellen White é a visão espiritualista de Deus. É interessante notar que, para ela, a compreensão teológica de Kellogg era uma mistura de verdade e erro: “Há nele sentimentos que são inteiramente verdadeiros, mas estão misturados com o erro. As Escrituras são retiradas de seu contexto e usadas para sustentar teorias errôneas.”²¹

O modo independente de trabalho do doutor Kellogg e a promoção de si mesmo é o segundo perigo da apostasia alfa. “Desde o início da carreira de John Kellogg, Ellen White o aconselhava a alterar certas ações e certos traços de personalidade. Ela o havia aconselhado a ser mais humilde, a estar mais disposto a aceitar conselhos de outros, a cuidar melhor de sua saúde pessoal, a delegar autoridade e a compartilhar os recursos do Sanatório de Battle Creek em vez de usá-los para aumentar continuamente as instalações da instituição.”²²

Kellogg aparentemente aceitou os conselhos de Ellen White. Entretanto, ele adotou uma posição de independência em relação aos líderes da igreja e persuadiu muitos a segui-lo. Esse espírito de independência e autopromoção levou ao terceiro elemento da apostasia alfa: a rejeição do Espírito de Profecia. Essa postura é sempre seguida pela rejeição de outros pilares da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Um quarto ponto está ligado ao modelo de obra médico-missionária propalado por Kellogg. Ele defendia um modelo alinhado com o evangelho social. Para ele, levar a mensagem de saúde e pregar o evangelho significavam ir às ruas e atender às populações que viviam à margem da sociedade. Era “pregar sem palavras”, apenas manifestando o amor na prática. Uma maneira mística de sentir a Deus e promover esse “relacionamento com Deus” aos outros.

Em 1900, Ellen White escreveu um artigo intitulado “*The Work For This Time*”, orientando sobre os perigos das ideias de Kellogg e como deveria ser realizado

o trabalho médico-missionário. Ela apresenta que a obra médico-missionária é um meio de alcançar as pessoas, um meio de abrir portas para a pregação das três mensagens angélicas. O foco tem que estar em preparar um povo para a volta de Jesus, e não em resolver problemas sociais.

Expansão do trabalho médico-missionário

Após a perda das instalações médicas que estavam sob a direção de Kellogg, a igreja abriu uma nova escola de medicina na Califórnia, em Loma Linda, em 1910. Naquela época, a região já tinha um Instituto de Reforma de Saúde e uma escola de treinamento de enfermeiras. A escola de Loma Linda se tornou um centro educacional para o trabalho médico-missionário. A mensagem de saúde avançou para além de Loma Linda. Em muitas partes do mundo, foram construídas clínicas, hospitais e indústrias alimentícias. Em 1922, a Associação Geral organizou um Departamento Médico para coordenar as várias instituições em todo o mundo.

No entanto, a mensagem de saúde ainda não atingiu seu objetivo de ajudar a preparar um povo para encontrar seu Senhor. Ainda existe uma grande obra a ser realizada nessa área. Que a mensagem de saúde seja uma realidade na vida de cada crente, a fim de que seja uma luz a outros. Como Ellen White escreveu: “O Salvador tornava cada ato de cura uma ocasião para implantar princípios divinos na mente e na alma. Esse era o desígnio de Sua obra. Comunicava bênçãos terrestres, para que pudesse inclinar o coração das pessoas ao recebimento do evangelho de Sua graça.”²³ 

Referências

¹ Gary E. Fraser, Candace M. Cosgrove, Andrew D. Mashchak, Michael J. Orlich e Sean F. Altekruze, “Lower Rates of Cancer and All-Cause Mortality in an Adventist Cohort Compared with a US Census Population”, *Cancer* 126 (2020), p. 1102-1111, disponível em <doi.org/10.1002/cncr.32571>, acesso em 11/5/2023.

² “Adventist Mortality Study”, *Loma Linda University Health*, disponível em <adventisthealthstudy.org/studies/adventist-mortality-study>, acesso em 11/5/2023.

³ Dores E. Robinson, *Revolução na Saúde: Origem e Desenvolvimento da Obra Médico-Missionária Adventista* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018), p. 7-16.

⁴ A data de 1848 para a visão sobre tabaco, chá e café é encontrada no artigo de Tiago White na *Review and Herald* de 8/11/1870. Citado por Robinson, *Revolução na Saúde*, p. 50.

⁵ Ellen G. White, *Manuscript Releases: From the Files of the Letters and Manuscripts* (Washington, D.C.: E. G. White Estate, 1981), v. 5, p. 377.

⁶ Robinson, *Revolução na Saúde*, p. 46.

⁷ Ellen G. White, *Review and Herald*, 4/12/1885.

⁸ Ellen G. White, *Manuscrito 1*, 1885.

⁹ Robinson, *Revolução na Saúde*, p. 54.

¹⁰ Robinson, *Revolução na Saúde*, p. 54.

¹¹ Ellen G. White, *Spiritual Gifts* (Washington, D.C.: *Review and Herald*, 1945), p. 120-152.

¹² Em uma lista posterior, Ellen White incluiu dieta adequada e confiança no poder divino.

¹³ Ellen G. White, *Testimony Studies on Diet and Foods* (Payson, AZ: Leaves-of-Autumn Books, 1979), p. 87, 88.

¹⁴ Robinson, *Revolução na Saúde*, p. 109-113.

¹⁵ Richard W. Schwarz e Floyd Greenleaf, *Portadores de Luz: História da Igreja Adventista do Sétimo Dia* (Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2009), p. 113.

¹⁶ Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), v. 4, p. 197.

¹⁷ Schwartz e Greenleaf, *Portadores de Luz*, p. 157.

¹⁸ Schwarz e Greenleaf, *Portadores de Luz*, p. 201.

¹⁹ Schwarz e Greenleaf, *Portadores de Luz*, p. 269, 270.

²⁰ Ellen G. White, *Selected Messages from the Writings of Ellen G. White: Significant and Ever-Timely Counsels Gathered from Periodical Articles, Manuscript Statements, and Certain Valuable Pamphlets and Tracts Long out of Print* (Washington, D.C.: *Review and Herald*, 1958), v. 1, p. 200.

²¹ White, *Selected Messages from the Writings of Ellen G. White*, v. 1, p. 199.

²² Richard W. Schwarz, *John Harvey Kellogg, M.D.* (Nashville, TN: Southern Publishing Association, 1970), p. 178.

²³ Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 10.

JEAN ZUKOWSKI
professor de Teologia
na Faculdade Adventista
da Amazônia



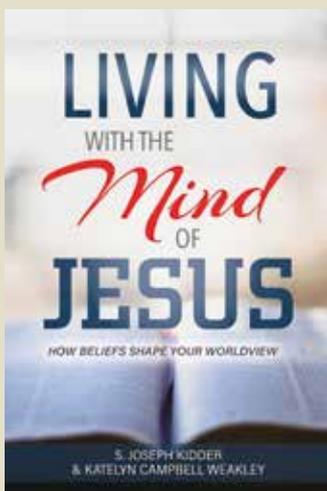


A Liderança que Deus Valoriza

Richard Stearns, Mundo Cristão, 2023, 208 p.

Em *A Liderança que Deus Valoriza*, Stearns compartilha os princípios de liderança que aprendeu ao longo de sua carreira. Como um líder que navegou por espaços religiosos e não religiosos, Stearns afirma que os valores adotados pelos líderes cristãos em seu local de trabalho são, na verdade, mais importantes que os resultados alcançados – que Deus está mais preocupado com o caráter do que com o sucesso de um líder.

Com sabedoria, inteligência e ensino bíblico, o autor compartilha histórias relevantes de sua jornada de vida e desvenda valores cruciais que podem transformar líderes e suas organizações. Quando os líderes incorporam valores, como integridade, coragem, excelência, perdão, humildade, equilíbrio, perseverança, amor, entre outros, eles não apenas melhoram seu testemunho de Cristo, mas também moldam instituições, influenciam a cultura, elevam o desempenho da equipe e criam locais de trabalho saudáveis nos quais as pessoas podem prosperar.

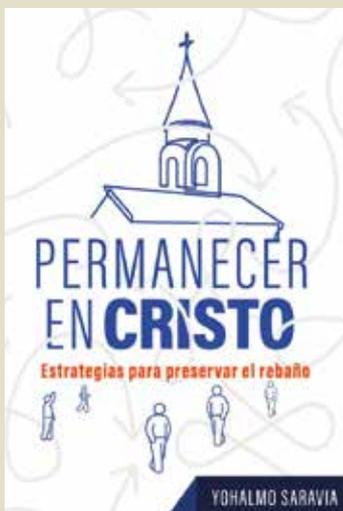


Living With the Mind of Jesus: How Beliefs Shape Your Worldview

S. Joseph Kidder e Katelyn C. Weakley, Pacific Press, 2022, 192 p.

Atribui-se ao filósofo grego Sócrates um antigo ditado que diz: “Uma vida que não é analisada não vale a pena ser vivida.” Essas palavras ainda nos desafiam a olhar para dentro de nós mesmos a fim de entendermos o que nos move. Nossas crenças, nosso propósito de vida e nossas interações vêm de suposições internas, as quais chamamos de cosmovisão. Essa visão de mundo afeta nosso envolvimento com religião, política, relacionamentos, finanças e até com dieta. Não há um aspecto da vida que não seja tocado pelas lentes da nossa cosmovisão.

Em *Living With the Mind of Jesus*, os autores nos levam a uma jornada profundamente enriquecedora, que nos ajudará a entender a força da cosmovisão centrada em Cristo, como essa cosmovisão pode ajustar a nossa forma de enxergar o mundo e como podemos moldar, com base nos princípios bíblicos, a cosmovisão dos nossos filhos.



Permanecer em Cristo: Estratégias Para Preservar el Rebaño

Yohalmo Saravia, Pacific Press, 2022, 96 p.

A questão da evasão de membros está afetando todos os grupos da igreja, até mesmo as famílias pastorais. Estamos perdendo homens, mulheres, jovens e idosos. Estima-se que 39% das pessoas que iniciam sua jornada de fé decidem cortar todos os laços com sua comunidade religiosa em algum momento de sua experiência cristã. Essas pessoas não devem ser vistas apenas como estatísticas, mas como almas por quem Jesus morreu.

A igreja tem muitos recursos para evangelizar os novos crentes. No entanto, é fundamental que eles permaneçam na igreja. No caso de alguém se afastar, é urgente que volte. A leitura deste livro é necessária para entender o problema, delinear a solução e implementar o processo de preservação e reintegração na comunidade dos crentes. Todo líder de igreja deve tê-lo em suas mãos e aplicar os princípios em sua realidade local, para que nem uma “ovelha”, nem uma “moeda”, nem um “filho pródigo” fique longe da casa do Pai.

NÃO É SOBRE MIM

Um certo homem perguntou ao seu pastor: “Se Jesus sabia que Judas iria trair-Lo, por que o chamou?” O pastor, então, respondeu de maneira calma e sincera: “Não sei, mas uma vez me fiz uma pergunta ainda mais difícil: ‘Por que Deus me chamou?’”

O chamado está no cerne do ministério pastoral. Afinal, entendemos que não se pode ser um ministro sem ter recebido um chamado especial de Deus, seja qual for a forma como isso aconteceu. No entanto, em muitos momentos, temos a tendência de centralizar o chamado em nossa própria experiência, como se o mais importante não fosse a missão para a qual fomos chamados, mas sim ao fato de que Deus nos escolheu. Não podemos estar mais errados. Como disse Mark Driscoll: “A diferença entre suas habilidades e seu chamado encontra-se na graça de Deus.”

Nosso ministério será mais significativo e satisfatório se compreendermos que estamos aqui para cumprir uma missão. Deus nos escolheu para sermos bênçãos aos outros. Foi assim com o povo de Israel no passado e é assim conosco hoje. João 15:16 deixa isso bem claro: “Vocês não Me escolheram, mas Eu os escolhi para irem e darem fruto, fruto que permaneça, a fim de que o Pai lhes conceda o que pedirem em Meu nome” (NVI). Repartiremos, a seguir, alguns elementos significativos desse verso com relação ao nosso chamado.

O chamado é sempre uma iniciativa divina. Esse é o ponto que tentamos enfatizar na introdução deste artigo. Não há nada de especial em nós. Deus, na Sua imensa graça, chamou-nos para fazer parte de Seu plano de salvação. Não por quem nós somos ou o que fizemos, mas por quem Ele é e o que fez em Cristo Jesus.

O chamado provém de Deus. Não é simplesmente um pastor ou um administrador que nos chama. O próprio Deus nos escolhe e, nesse sentido, nós devemos tudo a Ele. Logo virá o reconhecimento da igreja a respeito desse chamado, mas sempre é

O chamado e a missão estão intimamente ligados. Não existe chamado sem missão, porque o chamado é à missão.

um segundo passo que ratificará, em todo caso, a iniciativa divina.

Fomos comissionados. O chamado e a missão estão intimamente ligados. Não existe chamado sem missão, porque o chamado é à missão. O chamado não é uma distinção, nem um cargo, nem um posto honorável. Fomos chamados à missão e, quando deixarmos de cumprir essa missão, o nosso chamado também não terá efeito.

O chamado é para dar frutos. Nossa missão é pregar o evangelho eterno, mas essa pregação deve dar frutos. A multiplicação é o desejo de Deus. Assim, nossa missão é o discipulado, no qual fazemos discípulos para o Reino mediante nossa influência, forças, habilidades e tempo. Além disso, esse fruto deve perdurar, ou seja, permanecer, e isso não se consegue ao dar uma série de estudos bíblicos às pressas, batizar a pessoa e deixá-la sozinha em seu próprio destino. O verdadeiro discipulado acompanha a pessoa em todas as fases, até que seja capaz não só de perdurar na vida cristã, mas também de fazer outros discípulos.

As bênçãos do chamado estão subordinadas à missão. O sentido do verso que estamos analisando parece apoiar a ideia de que, quando vamos e fazemos discípulos, então “o Pai nos dará tudo o que Lhe pedimos” em nome de Jesus, assim como a presença constante de Cristo “até a consumação dos séculos” está subordinada àqueles que vão e fazem “discípulos de todas as nações” (Mt 28:18-20).

Assim, focando-nos na missão mais do que em nós mesmos, poderemos ter um ministério significativo e satisfatório. **M**



MARCOS BLANCO
editor da revista *Ministério*,
edição em espanhol

CANAIS DE ATENDIMENTO

LIGUE GRÁTIS
0800-9790606

de telefone fixo ou celular

WHATSAPP 
(15) 98100-5073

Baixe o
aplicativo
CPB



cpb.com.br     /cpbeditora

AMAZONAS MANAUS

SÃO GERALDO
Av. Constantino Nery, 1212
(92) 3304-8288
(92) 98113-0576

BAHIA CACHOEIRA

FADBA
Rod. BR 101, km 197
(75) 3425-8300
(75) 99239-8765

BAHIA SALVADOR

NAZARÉ
Av. Joana Angélica, 1039
(71) 3322-0543
(71) 99407-0017

CEARÁ FORTALEZA

CENTRO
R. Barão do Rio Branco, 1564
(85) 3252-5779
(85) 99911-0304

DISTRITO FEDERAL BRASÍLIA

ASA NORTE
SCN | Qd. 1 | Bl. A
Lojas 9, 17 e 23
Ed. Number One
(61) 3321-2021
(61) 98235-0008

GOIÁS GOIÂNIA

SETOR CENTRAL
Av. Goiás, 766
(62) 3229-3830
(62) 98169-0002

MATO GROSSO DO SUL CAMPO GRANDE

CENTRO
R. Quinze de Novembro, 589
(67) 3321-9463
(67) 98129-0874

MINAS GERAIS BELO HORIZONTE

CENTRO
Rua dos Guajajaras, 860
(31) 3309-0044
(31) 99127-1392

PARÁ BELÉM

MARCO
Tv. Barão do Triunfo, 3588
(91) 3353-6130
(91) 98259-0002

PARANÁ CURITIBA

CENTRO
R. Visc. do Rio Branco, 1335
Loja 1
(41) 3323-9023
(41) 99706-0009

PERNAMBUCO RECIFE

SANTO AMARO
R. Gervásio Pires, 631
(81) 3031-9941
(81) 99623-0043

RIO DE JANEIRO RIO DE JANEIRO

TIJUCA
R. Conde de Bonfim, 80
Loja A
(21) 3872-2787

RIO GRANDE DO SUL PORTO ALEGRE

CENTRO
R. Coronel Vicente, 561
(51) 3026-3538
(51) 98163-0007

SÃO PAULO ENGENHEIRO COELHO

UNASP/EC
Estr. Mun. Pr. Walter Boger, S/N
Faz. Lagoa Bonita
(19) 3858-1398
(19) 98165-0008

SÃO PAULO HORTOLÂNDIA

PARQUE ORTOLÂNDIA
R. Pr. Hugo Gegembauer, 656
(19) 3503-1070
(19) 98425-6666

SÃO PAULO SANTO ANDRÉ

CENTRO
Tv. Lourenço Rondinelli, 111
(11) 4438-1818
(11) 94825-0112

SÃO PAULO SÃO PAULO

MOEMA
Av. Juriti, 563
(11) 5051-0010
(11) 95282-4191

SÃO PAULO SÃO PAULO

PRAÇA DA SÉ
Praça da Sé, 28
5º Andar
(11) 3106-2659
(11) 95975-0223

SÃO PAULO SÃO PAULO

VILA MATILDE
R. Gil de Oliveira, 153
(11) 2289-2021
(11) 95288-1009

SÃO PAULO TATUI

LOJA DA FÁBRICA
Rod. SP 127, km 106
(15) 3205-8905